



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Cassiano Suhre da Rosa

O corpo negro no jornal A Voz da Raça (1933-1937): olhares sobre saúde e estilos de vida nas práticas esportivas

Florianópolis

2024

Cassiano Suhre da Rosa

O corpo negro no jornal A Voz da Raça (1933-1937): olhares sobre saúde e estilos de vida nas práticas esportivas

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Fernandes da Silva

Florianópolis
2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Rosa, Cassiano Suhre
O corpo negro no jornal A Voz da Raça (1933-1937) :
olhares sobre saúde e estilos de vida nas práticas
esportivas / Cassiano Suhre Rosa ; orientadora, Carolina
Fernande Silva, 2024.
89 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em
Educação Física, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. representações de saúde. 3.
esporte. 4. imprensa negra. I. Silva, Carolina Fernande.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Educação Física. III. Título.

Cassiano Suhre da Rosa

O corpo negro no jornal A Voz da Raça (1933-1937): olhares sobre saúde e estilos de vida nas práticas esportivas

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 05 de abril de 2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Victor Julierme Santos da Conceição
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Juliana Pizani
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

Insira neste espaço a
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a
assinatura digital

Profa. Carolina Fernandes da Silva, Dra.
Orientadora

Florianópolis, 2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço, sobretudo, a minha mãe Lorna Suhre (in memoriam), pelo suporte afetivo, emocional e espiritual durante os 17 anos que estivemos juntos e que me deram a base para ser quem sou, “Tua força, amor e fé continuam reverberando em mim e sendo minha inspiração, mãe!”.

A minha estrela da sorte, meu irmão Patrick, obrigado pelo “aquilombamento” nesta trajetória.

As mulheres importantes na minha vida, Leonilda Tortelli, Simone Pinto, Ivana Proença, Serli Lima Pereira e Maria Sirlei da Silva Lima, obrigado por todo suporte e afeto em minha vida. Aos meus irmãos Maiara e Juliano, ao meu pai, Célio, e por meio dele, a todos meus antepassados.

Ao estímulo e compreensão dos meus colegas e amigos do Núcleo de Estudos em Cultura, Corpo e Movimento - Sôma. Aos meus amigos (as) pela compreensão de minha ausência, em momentos dedicados a um propósito maior: meus estudos.

A minha orientadora, Profa. Dra. Carolina Fernandes da Silva, pela disponibilidade e comprometimento no decorrer desta pesquisa. Enalteço o interesse com o qual orientou este trabalho e sou imensamente grato pelos incentivos e críticas construtivas que contribuíram para o meu crescimento como pesquisador.

Aos professores componentes da banca de qualificação e de defesa, Prof. Dr. Victor Julierme Santos da Conceição, Prof. Dr. Rogério Pereira Santos e Prof. Dra. Juliana Pizani.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Física - PPGEF, pelas trocas e discussões.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq, pela concessão da bolsa de mestrado.

Eu sou um corpo
Um ser
Um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte
(Um corpo no mundo, 2017)

RESUMO

Em São Paulo, em 1930, a população negra buscava construir um estilo de vida, na medida em que as condições sociais ocorriam, fundaram clubes e associações para estimular a sociabilidade e práticas de lazer, promovendo eventos esportivos que ganharam destaque entre os negros. Um dos principais meios de difundir essas atividades era pelos canais da imprensa negra, uma associação de jornais que tinha como pauta a integração social do negro. Entre os jornais que integravam esta organização, estava o jornal *A Voz da Raça*, que circulou entre os anos de 1933 e 1937, em São Paulo, produzido pela Frente Negra Brasileira, associação de negros que buscava reivindicar a integração social dos negros. O jornal era utilizado para fomentar e estabelecer práticas sociais, como esportes. Os debates sobre temas como saúde, trabalho e estilo de vida da população brasileira ganharam destaque com as correntes eugenistas e higienistas que influenciaram o governo de Getúlio Vargas. Neste estudo analisamos as representações de saúde e de estilo de vida da população negra, entre 1933 e 1937, construídas no jornal *A Voz da Raça* a partir das práticas esportivas presentes no estilo de vida da população negra. Amparando-se nas lentes da História Cultural, o estudo utilizou o conceito de “campo” na perspectiva das práticas esportivas, a partir de Pierre Bourdieu, para compreender as relações de poder nele estabelecidas e as representações de saúde através dele geradas. A utilização do *A Voz da Raça* como fonte histórica de pesquisa surgiu a partir de uma consulta aos seus exemplares na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil, em que o analisamos como um instrumento de poder e de sociabilidade, produtor de discursos a partir do olhar de quem o produz. A investigação mostra que organizações esportivas da população negra eram utilizadas como mecanismos para difundir ideias, valores e instruções pelos dirigentes da Frente Negra Brasileira, que apresentavam uma aderência às concepções do governo de Getúlio Vargas, desta forma, propagando instruções que construíssem a imagem de negro disciplinado, organizado e com sentimento de pertencimento à pátria, ao mesmo tempo em que lutava pela construção de uma identidade que representasse positivamente o negro na sociedade. Para tanto, o jornal fomentava um estilo de vida baseado em representações de saúde higienista, primando pela valorização da moral, do físico e da pátria.

Palavras-chave: representações de saúde; esporte; imprensa negra.

ABSTRACT

In São Paulo, in 1930, the black population sought to build a lifestyle as social conditions evolved. They founded clubs and associations to encourage sociability and leisure activities, promoting sporting events that gained prominence among black people. One of the main means of disseminating these activities was through the channels of the black press, an association of newspapers that aimed to promote the social integration of black people. Among the newspapers that were part of this organization was *A Voz da Raça*, which circulated between 1933 and 1937 in São Paulo, produced by the Frente Negra Brasileira, an association of black people that sought to advocate for the social integration of blacks. The newspaper was used to foster and establish social practices, such as sports. Debates on topics such as health, work, and lifestyle of the Brazilian population gained prominence with the eugenic and hygienist currents that influenced the government of Getúlio Vargas. In this study, we analyze the representations of health and lifestyle of the black population between 1933 and 1937, constructed in the newspaper *A Voz da Raça* based on the sports practices present in the lifestyle of the black population. Supported by the lenses of Cultural History, the study used the concept of “field” from Pierre Bourdieu's perspective on sports practices to understand the power relations established within it and the representations of health generated through it. The use of *A Voz da Raça* as a historical research source arose from a consultation of its issues in the Digital Newspaper Library of the National Library of Brazil, where we analyzed it as an instrument of power and sociability, producing discourses from the perspective of its producers. The investigation shows that the black population's sports organizations were used as mechanisms to disseminate ideas, values, and instructions by the leaders of the Frente Negra Brasileira, who adhered to the concepts of Getúlio Vargas's government. Thus, they propagated instructions that built the image of a disciplined, organized black person with a sense of belonging to the nation, while simultaneously fighting for the construction of an identity that positively represented black people in society. To this end, the newspaper promoted a lifestyle based on hygienist health representations, emphasizing the appreciation of morals, physical well-being, and patriotism.

Keywords: Representations of health; sports; black press.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Militantes da Frente Negra Brasileira | 26 |
| Figura 2 – Jornal A Voz da Raça. São Paulo, abril 1937, ano IV, n. 64, p. 1 e 2 | 29 |
| Figura 3 – Jogadores da Associação Athletica São Geraldo, em 1922, São Paulo .. | 60 |
| Figura 4 – O jogador Arthur Friedenreich | 71 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 | REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO | 20 |
| 2.1 | REFERENCIAL TEÓRICO E OS CAMINHOS METODOLÓGICOS..... | 22 |
| 2.1.1 | <i>A imprensa negra e o jornal A Voz da Raça</i> | <i>23</i> |
| 2.1.2 | Os esportes como incursão no campo da saúde por Pierre Bourdieu.... | 30 |
| 2.1.3 | Caminhos metodológicos | 34 |
| 3 | UM BREVE PANORAMA DO PERCURSO HISTÓRICO DO CORPO NEGRO NO BRASIL | 38 |
| 4 | O ESPORTE NO JORNAL A VOZ DA RAÇA: REPRESENTAÇÕES DE SAÚDE HIGIENISTA E ESTILO DE VIDA DA POPULAÇÃO NEGRA | 42 |
| 4.1 | ELEVAÇÃO DO FÍSICO E DA MORAL: EUGENISMO E HIGIENISMO NAS PRÁTICAS ESPORTIVAS..... | 43 |
| 4.2 | PÁTRIA, RAÇA E ESPORTE: O ESPORTE COMO FERRAMENTA DO NACIONALISMO E A RELATIVIZAÇÃO DO RACISMO. | 49 |
| 5 | O FUTEBOL NO JORNAL A VOZ DA RAÇA: REPRESENTAÇÕES DE ESTILO DE VIDA DA POPULAÇÃO NEGRA | 56 |
| 5.1 | O FUTEBOL E A INSERÇÃO SOCIAL DO NEGRO | 57 |
| 5.2 | A PRÁTICA DO FUTEBOL COMO FERRAMENTA NA MOBILIZAÇÃO SOCIAL DO NEGRO | 67 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 74 |
| | REFERÊNCIAS..... | 78 |

1 INTRODUÇÃO

Durante o período em que cursei a faculdade de Educação Física entre 2012 e 2016, sempre considerei o corpo uma representação de nossa identidade. As inúmeras perspectivas que nos atravessam durante a trajetória de vida, ficam impressas nele e de certa forma, torna-se uma influência em nossas escolhas. Devo confessar: nunca fui um grande praticante de esportes! A principal razão pela qual cursei Educação Física foi a dança!

Ao mesmo tempo em que cursava a faculdade, fiz parte do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, um grupo de pesquisa voltado para estudos africanos e afro-brasileiros, a convite da estimada professora Maria Aparecida Gomes (*in memoriam*). Neste espaço, tive meu primeiro acesso às discussões sobre a questão étnica racial no Brasil, a partir da qual comecei a refletir sobre a minha negritude, e para explicar este processo, peço licença e trago Neuza Souza Santos (2021, p. 115), em sua citação “Ser negro não é uma condição dada a priori. É sempre um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro”.

Ao ingressar no mestrado em Educação Física, na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, em Santa Catarina, fui questionado sobre o que eu não abriria mão no processo de pesquisa e a resposta foi: “o corpo!”. Ao encontro disso, em meio a conversas de orientação, surgiram questionamentos e discussões que nos levaram ao objetivo de investigar representações do corpo na perspectiva do negro.

Parti, então, para a compreensão da relação entre os negros e o Brasil, através de leituras de intelectuais negras, como “Tornar-se negro” de Neusa Souza Santos, “A cor do inconsciente: significações do corpo negro” de Isildinha Baptista Nogueira e “Uma história feita por mãos negras” de Beatriz Nascimento, as quais me explicaram o início de uma complexa relação estabelecida entre os negros e este país, quando seus corpos foram traficados para servir as demandas exploratórias de trabalho escravo, condição em que foram obrigados a permanecer, mesmo diante de muitas lutas e revoltas, por aproximadamente quatrocentos anos (Nascimento, 2021).

No período pós-abolição, na transição entre o século XIX para o XX, o negro, agora em condição de “liberdade”, era indesejado pela sociedade, que o considerava uma raça inferior e o colocava como um corpo marginalizado, responsável pela complexa situação de vulnerabilidade em que vivia. E para isso, os grupos que

detinham o domínio social, em geral, brancos pertencentes a uma classe social elevada, passaram a disseminar teorias e concepções como forma de naturalizar a exclusão da população negra (Nogueira, 2021).

A partir deste contexto, busquei compreender concepções que tornavam sistêmica a exclusão e a discriminação sobre negro, foi então que tomei conhecimento que as correntes discriminatórias, bem como a potencialização do racismo, entraram em um novo capítulo no Brasil e ficam ainda mais evidentes logo no início do século XX, com a eugenia, compreendida como uma associação de práticas com o objetivo de melhorar a raça humana, em geral, os brancos (Maciel, 1999), sendo aderida pelo governo brasileiro entre as décadas de 1920 e 1930, em uma espécie de equalização da “questão social” o que se referia a pobreza extrema, falta de acesso a saúde e o descaso com a população de classes econômicas desfavorecidas, em sua maioria os negros (Neres; Cardoso; Markunas, 1997; Stepan, 2004). A partir de então, questionamentos foram surgindo, e um específico tornou-se uma inquietação mais consistente, como a população negra, frente ao contexto exposto, estabelecia uma relação com saúde?

Assim, voltei meu olhar para fontes que pudessem me apresentar mais elementos daquele período, foi então que descobri a imprensa negra, a partir do trabalho de Valmir Teixeira de Araújo, a obra “O que é a imprensa negra? diálogos sobre comunicação e negritude no Brasil”, verifiquei assim que os jornais foram uma maneira dos negros expressarem suas ideias e manifestarem suas reivindicações, além de registrarem a vida social que construíam aos poucos, de acordo com o avanço das organizações, dentre as quais, o cita a Frente Negra Brasileira e sua relevância para o período, e que utilizava um jornal para expressar-se, o *A Voz da Raça*. Dessa forma, busquei por mais informações sobre esse periódico na Hemeroteca Digital, verifiquei que sua veiculação ocorreu entre 1933 e 1937, um período marcado por transformações sociais, culturais e políticas significativas no Brasil, como a instauração do governo constitucional de Getúlio Vargas, popularização dos esportes, com destaque para o futebol, que passava pelo processo de profissionalização (Abrahão; Soares, 2012; Staudt, 2019). E assim, adentrei as leituras do jornal, a partir das quais, consegui identificar algumas relações estabelecidas entre esportes, estilo de vida e concepções de saúde.

Um pouco antes deste processo, havia me inscrito para concorrer a bolsas de

mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Física - PPGEF. Quando chegou o meu momento de ser contemplado com bolsa, fui informado que a bolsa disponível era oferecida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Esta foi conquistada pelo PPGEF em um edital em que era submetido um projeto de pesquisa do programa e que deveria ser desenvolvido pelos seus membros, o título era: "Diagnóstico e Intervenção para Estilos de Vida Saudáveis no Ciclo Vital: Foco nos Determinantes em Saúde". Assim, a pesquisa a ser desenvolvida pelos alunos que recebessem tais bolsas, deveria estar ligada à temática do referido projeto, com o objetivo central do estudo claramente direcionado a indicadores de saúde. Com isso, traçamos o projeto desta pesquisa e definimos a investigação sobre representações de saúde e estilo de vida como objeto de análise.

A partir desta pesquisa, passei por um processo de desconstrução e reconstrução do meu olhar frente à minha prática docente e pesquisador, na qual os esportes passaram a ter novos significados, longe do imediatismo pela busca do movimento perfeito e mais próximo da percepção sobre as representações que a prática esportiva podem gerar em uma população, carregando significados e marcando historicamente uma trajetória que se confunde com a própria existência do ser.

A compreensão dos conceitos de saúde e estilo de vida por meio dos esportes possui uma relação direta com as disposições dos agentes no espaço social em que estão inseridos e que apresentam uma variabilidade de acordo com as estruturas sociais e os capitais disponíveis em cada contexto social no qual está inserido. Conforme, Bourdieu (2007, p. 25), os esportes possuem significações e expressam representações sociais, que possibilitam analisar determinados contextos por expressarem práticas nas quais o corpo é o instrumento de ações, que resultam no desenvolvimento de hábitos, dentre eles o esportivo, que pode relacionar-se com aspectos de doenças e cuidados com a saúde, considerando que os benefícios dos esportes podem ser de cunho “físicos imediatos ou diferidos (saúde, beleza, força – visível com o culturismo ou invisível com o higienismo, etc.)”. Neste sentido, as representações de saúde e estilo de vida da população negra, na década de 1930, podem ser identificadas através dos esportes como prática social¹.

¹ Conforme Bourdieu (1975), as práticas sociais consistem em ações e comportamentos moldados de acordo com o contexto, disposição social e capital cultural de cada indivíduo. São reproduzidas e transformadas a partir das interações sociais.

Nas primeiras décadas do século XX, na cidade de São Paulo, o estilo de vida era moldado sob a influência da modernidade² europeia. Dentre os elementos introduzidos como símbolo da modernização estão os esportes, que inicialmente, neste grupo, desempenhavam um papel estritamente referente ao lazer. No entanto, a modernização não chegou para todos os grupos sociais e passados quarenta e dois anos da abolição do regime de escravização, a população negra foi expulsa do campo e teve que migrar da área rural para a área urbana, onde enfrentou grandes dificuldades, ficando sem empregos, educação, moradia e condições de acesso aos cuidados com a saúde (Silva, 2003).

Aos poucos, o cenário precário em que se encontrava a população negra começava a se transformar. Em 1931, devido ao avanço no processo de industrialização,³ difundido pelo governo de Getúlio Vargas⁴, oportunizou o acesso dos negros a empregos com remuneração financeira, através de uma política nacionalista que visava a valorização do trabalhador brasileiro. Essa ação fazia parte de um projeto maior, o nacionalismo, compreendido como um mecanismo que visava estabelecer legitimamente Estados-nações⁵, e que teve sua aplicação no Brasil no início da década de 1930, com a Era Vargas⁶.

O governo buscava uma integração nacional, a fim de superar a segregação racial e social predominante no período, pois não era um aspecto favorável ao desenvolvimento do país, que estava em ascensão econômica. Para isso, utilizou da apropriação de símbolos sociais que promoviam a transformação na vida cotidiana da população, como por exemplo, os esportes, que foram utilizados como estratégia de unificar a população (Drumond, 2009; Góis Júnior, 2013; Guterman, 2013; Staudt, 2019; Araújo, 2021).

² O conceito de modernidade, aqui utilizado, consiste no processo de transformação social provocado pela burguesia que possui o domínio social, provocando mudanças nos processos políticos e econômicos, estabelecendo novas configurações na disputa por poderes e elaborando formas de expressões da vida (Berman, 1986).

³ O termo industrialização faz referência ao processo de produção mecanizada e das unidades industriais que surgiram na Inglaterra no século XVII e teve um avanço significativo no Brasil na década de 1930 (Guitarrara, 2024).

⁴ Getúlio Dornelles Vargas candidatou-se à presidência do Brasil em 1930, mas não ganhou, fazendo-o com que assumisse o posto através de uma revolução. Assim, governou o país de 1930 a 1937, sendo que após esse período aplicou um golpe de estado que o fez permanecer no governo até 1945 (Cabral, 2024).

⁵ Conforme Bresser-Pereira (2017, p. 156): “O estado-nação ou país é um tipo de sociedade político-territorial soberana, formada por uma nação, um Estado e um território”.

⁶ Era Vargas corresponde ao período em que Getúlio Vargas governou o país. Eleito em outubro de 1930, permaneceu no cargo durante 15 anos por meio de um golpe de Estado (Staudt, 2019).

O esporte era parte do repertório de atividades de lazer inseridas no estilo de vida da população negra. Como não podiam frequentar os mesmos clubes esportivos de pessoas brancas, os negros criaram seus próprios clubes para que pudessem desenvolver a prática de esportes e por consequência, alcançar a sociabilidade (Andrews, 1998). Estratégias de promoção dos esportes envolviam a divulgação das atividades pela imprensa negra, ou seja, propagavam práticas esportivas através de “veículos de comunicação especializados na temática racial, na luta contra o racismo e comprometidos com a construção de narrativas negras sobre os diversos assuntos” (Araújo, 2019, p. 213).

Na busca pela construção de um estilo de vida que superasse o nível de vulnerabilidade e o cenário de marginalização ao qual foi submetida pela sociedade, a população negra formou organizações e associações, as quais tinham por objetivo reivindicar a integração social do negro mediante o avanço nas discussões de temas inerentes à existência humana como saúde, educação, cultura, lazer, trabalho e outras áreas. Dentre estas, está a Frente Negra Brasileira⁷. Segundo Silva (2003, p. 124):

[...] a idéia inicial da frente negra era de superar possíveis diferenças políticas e, em nome da questão racial, construir uma verdadeira e definitiva associação de pretensões nacionais.

Uma ferramenta utilizada por estes grupos para fortalecer a luta contra o racismo e a exclusão social era a imprensa negra. Na época formada por jornais impressos que eram editados por uma camada de negros letrados que faziam parte de uma camada social de classe média negra, mesmo assim, expressavam os posicionamentos da negritude⁸ perante a discriminação e segregação racial presentes na sociedade e que eram resquícios do regime escravagista e parte dos desdobramentos deste processo. Neste sentido, a imprensa negra foi uma expressão dos afro-brasileiros pela qual formularam seus próprios discursos e os tornaram públicos. Mesmo não atingindo sua totalidade em território nacional, os jornais que compuseram a imprensa negra fizeram parte do esforço coletivo para controlar os

⁷ A Frente Negra Brasileira foi uma associação formada por negros, em São Paulo, no ano de 1931. Surgiu com o objetivo de reivindicar igualdade de direitos para a população negra, chegando a ter 20 mil associados (Araújo, 2019).

⁸ Negritude é o termo que destaca, especialmente, a posição dos negros como um grupo étnico-racial composto por descendentes de africanos, que busca promover a conscientização e valorização da cultura, identidade e memória da comunidade negra (Araújo, 2019).

códigos de dominação da população branca e derrubá-los, uma vez que os negros eram invisibilizados na imprensa tradicional e, quando raramente apareciam, era em perspectiva intolerante e preconceituosa (Moura, 2014; Pinto, 2016; Araújo, 2021).

O racismo entra em um novo capítulo no Brasil e fica ainda mais evidente com a eugenia sendo adotada como proposta de política pelo governo brasileiro. As medidas eugênicas brasileiras resultaram em estabelecer padrões no estilo de vida da população e ao mesmo tempo, difundiram o preconceito racial. A eugenia foi intensamente instituída socialmente, segmentada pela composição racial e preocupações com o próprio padrão racial do país (Montagner, 2006). Com base na diferenciação entre as raças e na expectativa de uma suposta evolução racial, o intuito era de inviabilizar a cidadania dos negros e mestiços, sobre a alegação de tornar viável o branqueamento da população através do cruzamento com os povos europeus, o que seria bom para o desenvolvimento do país (Schwarcz, 1993).

Na década de 1920, muitos projetos de eugenia se difundiram em busca da regeneração da população brasileira. Esse processo representa o marco da interferência quase total, através de medidas médicas e sanitárias por parte do Estado sobre a população. Em 1930, o fator “raça”, que até então, era o tema principal para justificar os problemas do país, começa a dividir a atribuição com outros temas como questões de higiene, educação e saúde, que culminam como principais tópicos de problematização para a civilização (Neres; Cardoso; Markunas, 1997).

Para tanto, ações baseadas em discursos instaurados a partir de narrativas que usavam a dupla “higiene-eugenia”, como promotoras da saúde no Brasil, eram recorrentes no discurso de médicos, cientistas e educadores. O novo panorama urbano dos grandes centros brasileiros, marcado neste início de século pelo rápido crescimento e aumento populacional, criou uma demanda por soluções de caráter higiênico. Este foi um movimento que, no período, teve atribuição científica e social, o denominado higienismo estava presente nos meios científicos de todo o mundo (Stepan, 2005).

O enfoque de divisões dos processos eugênico e higiênico ocorriam pela classificação em raças e não por classes. Isso devido à grande concentração de doenças serem recorrentes nas populações mais pobres. A referência atribuída a esses sujeitos era discriminadora, colocando-os como ignorantes, doentes e viciados. Isso era acompanhado dos altos índices de mortalidade, alcoolismo e

comorbidades. No cenário público, a referência eugênica utilizava a categoria “raça” na prática sabia-se que se tratava da “raça negra” (Montagner, 2006).

Neste cenário, o desamparo e indiferença sobre a população negra brasileira foi um processo ininterrupto, sem políticas de reparação e de inclusão que possibilitasse ao negro o acesso a sua própria identidade individual e coletiva, de forma que modificasse o status de inferioridade nele configurado nos aspectos: social, econômico e cultural (Nogueira, 2021; Souza, 2021). Pensar o corpo negro estabelecendo uma interseccionalidade com campo da saúde e estilo de vida é uma forma de elevá-lo à um linear legitimado por um viés aplicável de categoria modificável, evidenciando as características ativas presentes na relação sujeito-corpo, bem como as apropriações que ocorrem pelo agente social a partir do que ele é e por intermédio de seu corpo (*habitus*), o que possibilita acessar e compreender a incorporação do mundo pelo indivíduo e do indivíduo pelo mundo, que, ao mesmo tempo em que capta o espaço social expressivo, síncrono, que resulta em um conjunto de significações vivenciadas, estabelecendo instruções em um primeiro momento com o corpo e que nem sempre é alçado pela linguagem e tampouco exclusivo por um nível de consciência. Neste sentido, compreendemos que a noção de saúde é um reflexo de todo aparato que encontramos no espaço social, ou seja, as dimensões econômica, política e cultural são preponderantes sobre sua compreensão (Bourdieu, 2007; Montagner, 2008), dentre estas as práticas do corpo, como os esportes.

Para uma ampla compreensão do viés percorrido pelo corpo negro no decorrer dos séculos no Brasil, há que se olhar com integralidade para aquele cuja trajetória foi fortemente distorcida, modificada e ceifada, haja vista que, a população negra passou pelo processo exploratório no período de escravidão. Por isso ao investigar as representações geradas a partir do corpo negro é necessário pensar o corpo como demarcador de valores sociais, sendo por ele que a sociedade estabelece sentidos e valores. Para traçarmos um percurso histórico e contemplarmos o corpo negro em seu aspecto biopsicossocial, enquanto corpo socializado que incorpora estruturas inerentes ao mundo, utilizaremos o conceito de representação que possibilita entender ideias construídas através de práticas culturais, linguagem, imagens e símbolos (Hall, 2016; Nogueira, 2021).

No início do século XX, os negros objetivavam reivindicarem seus direitos, buscarem a integralização social e promover o desenvolvimento da consciência negra,

utilizando-se também da imprensa. Em geral, os jornais eram vinculados a associações culturais e recreativas voltadas ao negro. Por essa razão, os jornais da imprensa negra apresentam um passado, no qual percebe-se o posicionamento coletivo de negros frente à sociedade que detinha o domínio, os brancos. Utilizamos esses documentos como fonte histórica, considerando sua importância enquanto expressão de uma população e que apresentam suas disputas e intenções no campo social, ao mesmo tempo em que documentam notícias de atividades culturais e recreativas presentes no estilo de vida dos negros (Ferrara, 1983; Silva, 2003; Araújo, 2019).

Em 1930, no Brasil, surge o que se considera a segunda fase do movimento negro. Esta fomentou várias organizações, como clubes e associações de negros, dentre estas, está a Frente Negra Brasileira, que, ao ser fundada em 1931 na cidade de São Paulo, surge como forma de resposta à indiferença com a qual foi tratada a pauta sobre a integração social do negro movimentos sociais que constituíram base de discussões sobre a busca por uma nova identidade brasileira. A organização chegou a ter vinte mil associados e uma das ferramentas utilizadas por esta associação para fortalecer a luta contra o racismo e alçar a mobilidade social foi a criação do jornal *A Voz da Raça*, que circulou em São Paulo entre 1933 e 1937, representou o segundo ato da imprensa negra paulista. Ao todo, o jornal teve 70 edições, que noticiavam diversos temas sobre a vida da população negra, tais como trabalho, saúde, política, esportes e informativos de utilidade pública (Silva, 2003; Araújo, 2021).

Ao procurar por pesquisas que abordassem representações de saúde e estilo de vida da população negra, verificou-se que a produção bibliográfica existente se apresenta de forma relativamente escassa, pois os estudos existentes não propõe contemplar a investigação sobre o representações de saúde diretamente relacionados aos esportes, ou seja, com aspectos do estilo de vida da população. Realizamos uma pesquisa avançada na Biblioteca Digital Brasileira de Tese e Dissertações e no Banco de Teses CAPES, estabelecendo como termos de procura “saúde”, “população negra”, “estilo de vida”, entre os anos de 2014 e 2024, ao total foram encontrados 6 estudos, sendo 4 dissertações e 2 teses. Os resultados apresentam estudos relacionados à condições de saúde, acesso aos serviços de saúde, atividade física, doença e racismo (Almeida Neto, 2017; Santos, 2017; Pereira, 2019; Machado, 2020;

Mackedanz, 2021; Souza, 2021). Os trabalhos acadêmicos que tratam de saúde na perspectiva da população negra não contemplaram o estudo que realizei nesta dissertação, em uma perspectiva da construção histórica do estilo de vida por práticas esportivas do negro. O viés que apresento, sob o vinco da História cultural, busca responder ao seguinte problema de pesquisa: como as representações de saúde e estilo de vida do negro, a partir dos esportes, foram geradas por um jornal escrito por e para população negra, analisando o contexto da cidade de São Paulo, em 1930?

A contextualização das práticas e dos discursos que vêm constituindo o campo social da saúde, possui suas raízes históricas, elementos discursivos e pragmáticos de movimentos ideológicos. Dessa forma, o campo da saúde relaciona-se referidamente com a tríade coletivo-público-social que, historicamente, transitou por consecutivos movimentos de reestabilização de práticas sanitárias vindas de distintas conexões estabelecidas entre Estado e sociedade, em cada contexto, e que segmentou as demandas oriundas das respostas sociais e as problemáticas de saúde (Pain, 1998).

O estudo dessa natureza é pautado na relevância de que, ao identificar as representações de saúde do corpo negro e estilos de vida, a partir de interpretações de fontes históricas, seja possível a construção discursiva da realidade de grupos sociais, considerando tempo e espaços específicos (Sacramento, 2020). Para isso utilizamos o conceito de *habitus*, entendendo-o como:

[...] o organismo do qual o grupo se apropriou e que é apropriado ao grupo, funciona como o suporte material da memória coletiva: instrumento de um grupo, tende a reproduzir nos sucessores o que foi aprendido pelos predecessores (Bourdieu, 1998, p. 113).

Assim, buscamos compreender como se configuraram estilos de vida e as representações de saúde no viés do corpo negro, considerando o percurso histórico que o negro realizou e as estruturas sociais por ele incorporada e com as quais se relacionou na cidade de São Paulo, na década de 1930.

Como pesquisador negro, compreendo que este estudo possibilita adentrar a um cenário pouco discutido, das práticas esportivas realizadas pelos negros e as representações geradas a partir delas. Neste caso, representações de saúde e estilo de vida, em um período no qual os negros buscavam ressignificar sua liberdade e romper com os estereótipos sobre eles postos. Para aprofundar a compreensão sobre

este tema, houve a demanda de um aporte conceitual, o que possibilitou abranger autores negros e brancos. Neste sentido, há que se observar que o lugar de fala é o lugar que ocupamos socialmente e é desta forma que nos faz experienciar diversificadas perspectivas, o que possibilita estabelecer trocas a partir da escuta e transcender pensamentos reducionistas, exclusivistas e discriminatórios (Ribeiro, 2006).

Destacamos que esta pesquisa se utiliza da compreensão da construção social do conceito de raça ao abordarmos as denotações “negro” e “branco”, ou seja, compreendemos que a existência de raças é uma concepção elaborada pela cultura e pela sociedade, sob a tentativa de justificar diferenças por questões biológicas, que na verdade, estão ligadas às perspectivas sociais e culturais (Schwarcz, 2019).

Para tanto o objetivo geral, consiste em compreender como representações de saúde e estilos de vida geradas pelo corpo negro foram publicadas no jornal *A Voz da Raça* na década de 1930; e os objetivos específicos são: a) compreender o contexto histórico de instauração e vinculação do jornal *A Voz da Raça* (1933-1937) quanto à constituição de discursos de saúde da população; b) identificar as relações que o jornal *A Voz da Raça* (1933-1937) constrói entre os esportes e a população negra; e c) analisar e interpretar como os esportes contribuíram na formação de representações de saúde e estilo de vida geradas por meio de práticas esportivas vivenciadas pelo corpo negro, constituídas pelo jornal *A Voz da Raça* (1933 - 1937) no contexto histórico da década de 1930.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

O referencial teórico e os caminhos metodológicos são pilares fundamentais em qualquer pesquisa acadêmica, pois fornecem a base conceitual e metodológica necessária para a investigação científica. Por sua vez, os caminhos metodológicos referem-se às estratégias, técnicas e procedimentos utilizados para coletar, analisar e interpretar os dados da pesquisa. Neste sentido, o referencial teórico e os caminhos metodológicos são elementos interdependentes que se complementam e se reforçam, contribuindo para a construção de um conhecimento sólido e consistente. Por meio deles, o pesquisador pode fundamentar sua pesquisa em teorias consolidadas e utilizar métodos adequados para responder às suas questões de pesquisa, garantindo a qualidade e a credibilidade do estudo.

Este capítulo propõe apresentar as perspectivas teóricas e metodológicas que fundamentam a interpretação, coleta e análise das informações que emergiram da fonte de pesquisa, o jornal *A Voz da Raça*, a fim de contemplar o problema de pesquisa anteriormente identificado. Para tanto, inicialmente, apresentamos o campo da História Cultural, no qual localiza-se este estudo. Em seguida, discutimos o conceito de representação e de fontes históricas, que auxiliaram a compreender de que forma os esportes podem expressar representações de saúde e estilo de vida.

Ao olhar para os registros do jornal *A Voz da Raça*, utilizamos das lentes da História Cultural, que contempla a realidade de uma sociedade específica, voltando-se para a compreensão de como determinado grupo social está historicamente localizado (Barros, 2005), ou seja, refletimos o percurso histórico do negro pela perspectiva cultural, entendendo que tal conceito possibilitou acessar o percurso do cenário social de outras épocas e outros contextos de forma mais fidedigna e com o olhar específico de investigação, uma vez que cultura e representação possuem elos que entrelaçam os pares e desta forma assumem um papel transcrito como significado compartilhado (Hall, 2016).

De acordo com Burke (2005), através da História Cultural é possível estudar o passado, sem deixar de contemplar tópicos complexos e ao mesmo tempo indispensáveis para o processo de análise e entendimento de fatos históricos. Conforme Hall (2016) pela perspectiva das ciências sociais, a interpretação de cultura pode ser compreendida como o modo característico de uma população, assim o conceito de representação, neste estudo, ampara-se na ideia de ser parte

indispensável para elaborar, reelaborar e compartilhar significados entre os integrantes de uma cultura ao se utilizarem da linguagem como instrumento para expressar algo sobre o mundo.

Segundo Chartier (1988), a História Cultural nos permite compreender realidades, características e configurações de contextos sociais de outros períodos e de diferentes lugares, bem como, perceber as posições sociais de forma a identificar que a estruturação hierárquica social é um elemento-chave ao fomentar e prover representações sociais.

O conceito de representações surge neste estudo a fim de possibilitar a compreensão sobre os elementos que compõe uma sociedade, e que são carregados de significados e não se apresentam sem uma intencionalidade, sendo que formam condutas e elaboram estratégias (em dimensões políticas e sociais) para defender determinadas ideologias ou justificar decisões e condutas para os integrantes de uma cultura. Ainda nessa perspectiva, Chartier (2011) dialoga com Bourdieu (2011) ao discorrer que as representações não são caracterizadas pela neutralidade, e nelas estão as impressões do espaço social que por sua vez, é constituído do conjunto de posições distintas, coexistentes e exteriorizadas de forma que seus agentes ou grupos pertencentes em diferentes classes crie o *habitus*, ou seja, toda representação surge de forma a representar alguma coisa.

Nesta pesquisa, a utilização da imprensa escrita como fonte histórica e registro da linguagem de um período remoto, surge da compreensão de que os jornais e veículos impressos produzem sentidos e elementos discursivos tanto no exercício de domínio quanto no fomento comunicativo entre coletivos. A imprensa escrita, enquanto concepção usada para contemplar jornais e impressos de periódicos dentro de uma periodicidade, é formada de uma tríade composta entre estrutura, editorial e constância, referidos a um público específico e que é caracterizado por uma identificação cultural, ideológica e social (Almeida *et al.*, 2018).

O jornal *A Voz da Raça* é um elemento da imprensa escrita tomado como fonte histórica por este estudo. A “fonte histórica é tudo aquilo que, pode ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo a compreensão do passado humano” (Barros, 2019, p. 1), ou seja, nos apresentam vestígios de um passado e que por através delas é possível aplicar o processo de análise e obter resultados que sejam relevantes para

a compreensão do estado de uma sociedade. Importante destacar as perspectivas apresentadas pelo autor, quando no trato das fontes históricas, sendo indicadas em quatro passos. O primeiro faz referência a posição da fonte em relação ao período. O segundo, diz respeito aos fatos e processos históricos pontualmente demarcados para análise. O terceiro a posição ideológica inerente aos eventos narrados pelo autor da fonte escolhida. E o quarto e último, faz menção a posição da fonte em relação a problemática abrangida pelo historiador.

Os jornais, enquanto materiais potentes de registro da linguagem de uma sociedade, atuam como um meio de comunicação, que acordo com Barros (2012), eram presentes no cotidiano da sociedade, nos últimos três séculos, apresentando-se como uma fonte histórica a partir da qual é possível verificar informações, discursos e indícios que tornam viável o desenvolvimento de análises sobre sociedades que os geraram e nos contextos em que tiveram circulação. Neste sentido, buscamos aprofundar nosso olhar sobre o jornal *A Voz da Raça*, como fonte de pesquisa e compreender o conceito de imprensa negra, movimento do qual o periódico fazia parte.

2.1 REFERENCIAL TEÓRICO E OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

O percurso metodológico realizado nesta pesquisa foi constituído a partir de um referencial teórico que consiste em um conjunto de conceitos, que fundamentam o estudo e ajudam a compreender o objeto de pesquisa. Este apresenta-se relevante, pois orientou as escolhas de conceitos e métodos adequados para investigar o problema em questão, além de situar o estudo dentro de um contexto mais amplo de conhecimento científico. Apresentamos os conceitos utilizados em dois subcapítulos, o primeiro apresenta o conceito de imprensa negra, a partir dele apresentamos o jornal *A Voz da Raça*, que se demonstrou relevante e tornou-se a fonte de investigação desta pesquisa para o entendimento das características dos jornais escritos por e para negros, no decorrer da década de 1930. O segundo apresenta os esportes como incursão no conceito de saúde no estilo de vida contemplando o conceito de habitus, de Pierre Bourdieu, utilizados como instrumento para a análise e discussão das reportagens do jornal *A Voz da Raça*. Posteriormente, explicamos a utilização da análise de conteúdo, apresentando como foi desenvolvida a metodologia utilizada

para a coleta e análise dos dados e por fim trazemos as análises e discussões.

2.1.1 A imprensa negra e o jornal *A Voz da Raça*

Na etapa de pesquisa de busca por fontes históricas, visamos primeiramente compreender o conceito de imprensa negra, e a forma de produção de conteúdo jornalístico, no qual o negro é apresentado como protagonista de eventos e discussões, mesmo que não estejam diretamente relacionados a questões raciais. Neste sentido, produções jornalísticas feitas para negros e sobre negros, formavam um coletivo de jornais, conhecido como imprensa negra, que representam a realização da enunciação própria da comunidade negra em um período que vai da escravidão ao terceiro milênio (Ferrara, 1983; Rosa, 2014; Sartre, 2018).

Pinto (2016) conceitua a imprensa negra a partir das reflexões do sociólogo Antonio Candido (1918-2017) sobre a formação do sistema literário brasileiro, utilizando as categorias “autor”, “obra” e “público”, como momentos de produção comunicativa. Portanto, o reconhecimento de um jornal como pertencente à imprensa negra passaria pelos vínculos do periódico com o espaço em questão: jornais feitos por negros; para negros; difundir temas de interesse da população negra. Rosa (2014) procura compreender a imprensa negra sob a ótica dos estudos culturais, que a conceitua como um artefato cultural que não apenas informa, mas também produz discursos e representações que colaboram na formação de subjetividades e identidades negras.

O pesquisador e poeta negro sul-rio-grandense Silveira (2015) localiza, no século XIX, o nascimento da imprensa negra no Brasil a partir do jornal *O Homem de Cor*, de 1833, editado por Francisco de Paula Brito. A imprensa brasileira não dava a visibilidade necessária às demandas da população afrodescendente. Assim, em meados do século XIX e início do século XX, as revistas e jornais produzidos pela população negra para a população negra surgiram como ferramenta de luta, mobilização e discussão sobre a posição negra pós-abolicionista no Brasil (Rosa, 2014).

Na historicização da imprensa negra em São Paulo, de 1915 a 1963, a imigração europeia e a redução da população negra a uma camada inferior aos imigrantes foram alguns dos fatores impulsionadores do surgimento de jornais negros (Ferrara, 2016). No ponto de revisão histórica remonta a 1833, o início da imprensa

negra com o jornal O Homem de Cor, no qual denunciava-se a discriminação de ordem social redigidos por negros que objetivavam contribuir para a solução de problemas enfrentados pela população negra.

As condições eram favoráveis para o surgimento de veículos de imprensa negra no século XIX, dada a atuação de um número razoável de negros alfabetizados capazes de gerar e absorver as ideias desses jornais, bem como distribuí-las para o público. Apesar de ter surgido antes mesmo do fim da escravidão, a imprensa negra significou um espaço de resistência para a população negra livre e escravizada. Esses periódicos noticiavam acontecimentos envolvendo preconceito racial, violência sofrida pelos negros e suas condições desiguais de vida, na forma de protesto e luta pela defesa dos direitos dessa população (Pinto, 2016).

Os primeiros periódicos negros brasileiros descrevem essa imprensa como uma “linha de ação e conteúdo voltado para o combate à discriminação racial”; evocando os jornais negros das primeiras décadas do século XX, entende-se que houve uma enorme contribuição, uma produção muito grande: sonetos, crônicas, apologistas, epigramas, sátiras, artigos sobre educação e manifestações contra o preconceito racial. A imprensa negra tem um papel importante na reportagem contra o viés de cor, a consciência discriminatória e a informação histórica (Moura, 2014).

Durante o período de desenvolvimento da imprensa negra, a campanha abolicionista no Brasil se fortaleceu, principalmente na segunda metade do século XIX. Em geral, a imprensa brasileira não era atual, ligada à literatura e à publicação de novelas. Com o advento da campanha abolicionista e republicana, os jornais ganharam impulso para publicações relevantes para a representação nacional, o povo brasileiro e o momento histórico nacional (Ferreira *et al.*, 2013).

Se estabelece um vínculo histórico, ao compreender que as diferenças entre a imprensa abolicionista e a imprensa negra são muito perceptíveis. Enquanto os primeiros exigiam o fim da escravização de negros e negras, muitas vezes de forma gradual e lenta, os segundos exigiam liberdade com integração social. A partir de investigações estabelecidas, o nascimento de um discurso e de uma prática jornalística negra que não disseminava os estigmas raciais percebidos na imprensa dos séculos XIX e XX, mas atrelado ao valor máximo republicano: a igualdade de direitos. Desde 1833, os jornais negros destacam os direitos constitucionais dos cidadãos brasileiros para ilustrar o grau de exclusão e discriminação que afetou

afrodescendentes (Moura, 2014).

Durante as duas primeiras décadas do século XX, o movimento negro passa a reivindicar modificações e os jornais negros passam a instrumentalizar essas demandas, tratando de assuntos relacionados à vida social dos membros e da população negra em geral, que ao longo dos anos, passaram a denunciar as restrições sociais sofridas pela população negra, traduzidas na diferença de tratamento e acesso a oportunidades devido ao preconceito de racial (Ferreira *et al.*, 2013; Araújo, 2021).

Quando se entende o contexto em que o racismo e a desigualdade racial se operacionalizam, a produção da imprensa negra ganha importância e significado diante da, poder cultural, político e econômico a que se opõe (Silveira, 2015).

As características comuns dos jornais negros do primeiro período da imprensa negra paulista a abordagem cotidiana da comunidade negra (versos, notas festivas e amenidades), no sentido de controle sobre o grupo. Houve conteúdo de demandas, ainda que reduzido, pois iniciou-se a formação de uma consciência grupal. Na segunda fase, as reivindicações ganham força e a imprensa negra atinge seu ápice, pois o "problema negro é abordado de forma mais direta e objetiva", revelando "uma união mais ampla porque, com mais força, os negros reivindicam seus direitos e reivindicam sua participação na sociedade (Pinto, 2016).

Uma imprensa politicamente militante é, portanto, apenas o reflexo de uma situação efervescente. O principal interesse dos jornais é, antes de informar, formar uma opinião. Nesse sentido, a produção incessante da imprensa negra no período 1833-2010 ganha relevância para os estudos da imprensa, em especial, do jornalismo brasileiro (Medina, 2018).

No contexto pós-abolicionista, negros e negras se organizaram coletivamente de diversas formas, na luta contra a discriminação racial e em busca de maiores oportunidades de ascensão econômica e social. Nesse período intensificou-se a produção de jornais e revistas por esse grupo, que em seu conjunto ficou conhecido como Imprensa Negra Paulista (Moura, 2014). A Imprensa Negra Paulista foi um órgão criado para dar visibilidade às ações da população negra no estado de São Paulo e, além disso, preocupava-se com a importância da educação para a ascensão social dos negros. Não à toa que a imprensa negra é correlacionada com o movimento negro organizado, sendo essa uma das mais evidentes características do jornalismo negro no Brasil (Araújo, 2021).

Além disso, a Imprensa Negra Paulista preocupava-se com a importância da educação para a ascensão social dos negros. Nesse contexto surge então a Frente Negra Brasileira que é considerada a principal entidade organizada pelos negros, no início do século XX, com o objetivo de defesa e busca pelos direitos civis. A aderência foi significativa na medida em que são estimados cerca de 20 mil associados. A Frente Negra Brasileira possibilitou uma melhoria na vida da população negra, uma vez que, viabilizou a criação de escolas, conjuntos musicais, times esportivos e do jornal negro *A Voz da Raça* em São Paulo (Araújo, 2021). Entidades como a Frente Negra Brasileira se engajaram na reeducação dos negros, incentivando-os a competir com os brancos em todas as esferas sociais, argumentando que se o Estado não fornecia educação, os negros unidos deveriam (Machado, 2017).

Figura 1 – Militantes da Frente Negra Brasileira



Fonte: Machado (2020).

Os jornais da imprensa negra tornaram-se o canal de comunicação por meio do qual se ouvem protestos em diferentes aspectos de suas vidas, nas esferas profissional, política e de lazer. No terceiro período, a imprensa negra buscou aproximar negros que se dispersaram, conscientizar e exigir participação sociopolítica e econômica e se engajou no esforço de unir negros pessoas em favor de uma causa comum (Moura, 2014).

A imprensa negra feita por negros e para negros marcou profundamente o

pensamento dos negros em São Paulo, pois eles sentiram a necessidade de um movimento de identidade étnica, e se depararam com as barreiras de uma imprensa branca (grande imprensa) impermeável aos anseios e demandas da comunidade (Machado, 2017).

Com base nos jornais da imprensa negra paulista, há uma imprensa setorial com conteúdo limitado sobre a sociedade, a ponto de os negros precisarem obter informações da imprensa e eventos internacionais. Percebe-se também como constantes de ideias, a ascensão do negro pela escolarização, aperfeiçoamento cultural e bom comportamento social. Os negros articulam sobre si o conceito de raça, no sentido de uma transformação positiva de sua representação social e de uma reversão ideológica (Ferreira *et al.*, 2013). A imprensa negra era formada por jornais impressos editados por uma camada de negros letrados que faziam parte de uma rara e pequena classe média negra. Mesmo não atingindo sua totalidade em território nacional, essas formas fazem parte do esforço coletivo para controlar os códigos de dominação e derrubá-los (Pinto, 2016; Araújo, 2019).

O segundo período da imprensa negra (1931-1937), no século XX, ocorre paralelamente ao surgimento do jornal *A Voz da Raça*, na capital paulista o que faz com que esse veículo midiático se torne o interlocutor oficial, não só da imprensa negra mas também de todo movimento negro do período, e perdura até a instauração do Estado Novo de Getúlio Vargas, através do golpe de Estado, que se estendeu até 1945. Esse período de atividade que o jornal abrange é o que o torna interessante é o escolhido para a contemplação desta pesquisa, enquanto fonte histórica, uma vez que, o propósito do jornal era a reivindicação dos direitos civis e as denúncias, ao mesmo tempo referentes a instauração da concepção de democracia racial acompanhada da eugenia e do higienismo, o que na imprensa tradicional, a qual era o maior meio de comunicação da época, foi omitido (Araújo, 2021).

Partindo da articulação de uma diversidade de posicionamentos políticos, a Frente Negra Brasileira e o jornal difundiram suas finalidades, com o objetivo de promover a união política e social da população negra em âmbito nacional, para a afirmação dos direitos históricos dos negros, em prol da perspectiva material e moral no passado, reivindicando seus direitos sociais. Dentre variados temas abordados em suas reportagens, o jornal apresentava seções que nos oportunizam adentrar a realidade da época uma vez que publicava sobre assuntos sociais, desde esportes,

críticas, cultura negra e outros tópicos do movimento negro (Posso, 2008). Ainda segundo o autor, o jornal *A Voz da Raça* durou até 1937, quando o golpe getulista ocorreu em novembro de 1937, com apoio de integralistas, militares e intelectuais, Getúlio Vargas, então presidente do Brasil, suspendeu a Constituição de 1934 e pôs os partidos políticos na ilegalidade. Iniciava-se o Estado Novo, que controlaria o cenário político através de um regime ditatorial com base nos plenos poderes de ação do Poder Executivo.

A figura de revolucionário e de constitucionalista se desfaz, e Getúlio Vargas passa a ser ditador até 1945 (Sousa, 2022). Com o golpe getulista do Estado Novo, os partidos políticos – no qual a Frente Negra Brasileira havia se transformado – foram extintos e, por consequência, seus veículos oficiais passaram a ficar sob o foco da censura. Razão essa, a imprensa negra rapidamente fechou suas portas (Posso, 2008). Nesse sentido, o conceito de imprensa negra assemelha-se ao que Sartre (2018, p. 101) chama de "curtos-circuitos da linguagem", pois não é, o objetivo apenas dos negros no sentido da própria pintura, mas sua maneira particular de usar os meios de expressão à sua disposição.

Van Dijk (2017, p. 21) aponta que “o controle do pensamento decorre do acesso aos meios de produção do discurso público e do controle da ação comunicativa em uma estrutura de poder”. No caso da imprensa negra, esses aspectos medem melhor a postura refratária da imprensa para acolher discussões de interesse dos negros brasileiros, ou seja, o combate ao racismo e a integração dos negros no projeto de desenvolvimento. Essa posição editorial ideológica levou os negros a criar outro modo de produção jornalística, ou seja, um sistema comunicativo onde essas questões pudessem ser abordadas, a fim de desconstruir o “racismo midiático” praticado pela imprensa tradicional.

Trata-se de uma estratégia política de ingerência na esfera pública na busca do poder de influenciar e expressar sua opinião, no sentido de participação política, e de realizar uma luta ideológica para, por meio da imprensa negra, a contínua produção do racismo e por intermédio de canais de comunicação (Ferreira *et al.*, 2013).

Com base nesse entendimento, é possível observar uma grande distinção entre os jornais negros em relação à imprensa tradicional brasileira, que tende a tratar as questões raciais de forma superficial e estereotipada. A compreensão do que é a imprensa negra vai ao encontro do que vem sendo discutido por alguns estudiosos

sobre o assunto na literatura acadêmica (Sodré, 2019).

O jornal *A Voz da Raça* intitulava-se um veículo que anunciava os pensamentos e correntes ideológicas do movimento negro, ideologias da frente negrina (movimento de resistência da população negra) um periódico que tinha por objetivo educar o negro e o incentivar a disputar a ocupação de espaços que eram privilégios dos brancos. Essa era uma das razões pelas quais o jornal tomava conhecimento das demandas de insatisfação da população negra, a fim de divulgá-lo para toda sociedade e assim o fazia (Posso, 2008).

Sua produção era custeada a partir da venda de anúncios e da mensalidade dos associados da Frente Negra Brasileira. Sua estrutura contava com quatro (4) páginas, nas quais apresentavam serviços prestados pelos próprios negros, notícias, correspondências, convites para eventos sociais, dentre estes, atividades esportivas. Os artigos buscavam estabelecer um diálogo direto entre editores e a população negra, segundo Silva (2003, p. 134), “quando apareciam análises conjecturais, elas eram direcionadas à sociedade nacional, particularmente neste período as referências são para o governo Vargas”.

Figura 2 – Jornal *A Voz da Raça*. São Paulo, abril 1937, ano IV, n. 64, p. 1 e 2



Fonte: Página... (1937, p. 2).

Em sua estrutura não havia o número de tiragens, sua distribuição ocorria na sede da Frente Negra Brasileira e em eventos promovidos pela mesma associação, sua tiragem oscilou entre períodos semanais, quinzenais e mensais (Silva, 2003). O jornal teve vários editores, entre eles o primeiro Deocleciano Nascimento⁹ e o último, Francisco Lucrecio¹⁰. A maioria das reportagens não continha assinatura de seus colunistas, o que define o periódico como multiautoral. Os jornais com esta característica são um tipo de fonte plural de discursos com a alternâncias de produção, ou seja, mesmo que nem todos os autores apareçam com seus nomes mencionados nos textos, são características dos jornais modernos a multiplicidade e alternância de diferentes vozes (Barros, 2021).

2.1.2 Os esportes como incursão no campo da saúde por Pierre Bourdieu

A compreensão da geração de representações de saúde e estilo de vida através do esporte, neste estudo, passam pela observação de que a partir de diferentes disposições no campo social estabelecemos diferentes gostos e propensões a diferentes práticas, dentre elas a esportiva, pois conforme Bourdieu (2007), as diferentes condições de existência no espaço físico promovem diferentes tipos de habitus e isso está diretamente atrelada à condição econômica e social. Assim, o habitus é compreendido como o resultado de experiências sociais preteridas, que são, ao mesmo tempo, estruturadas, e que se tornam estruturantes na proporção em que a tomada das atividades e suas representações possibilitam a intermediação através da estrutura social e de práticas incorporadas no período vivenciado pelos sujeitos através de seus corpos, dispostos no espaço social a partir da própria incorporação dessas estruturas, sendo “um sistema de modos de perceber, de sentir, de fazer e de pensar que nos leva a agir de determinada forma em uma dada circunstância” (Bourdieu, 2017, p. 163).

A incursão dos esportes no conceito de saúde é caracterizada pela fusão entre perspectivas tradicionais e inéditas, como artefato de transcender o caráter biologicista de saúde. Bourdieu apresenta o campo da saúde em seus estudos de

⁹ Deocleciano Nascimento foi um dos primeiros organizadores da imprensa negra no Brasil, sendo editor-chefe do primeiro jornal negro “O Menelick” que circulou em São Paulo-SP, entre 1915 e 1916 (Silva, 2003; Côrtes, 2012).

¹⁰ Francisco Lucrecio foi um dentista e atuou como secretário geral da Frente Negra Brasileira (Silva, 2003).

forma transversal, revisando o papel do corpo e o insere neste de forma que atualiza sua dimensão e o traz novamente para contemporaneidade das ciências sociais (Montagner, 2008).

Neste estudo, ao refletirmos sobre as representações de saúde e estilos de vida elaborados através do habitus, pensamos o corpo enquanto “gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida, unívoco” (Bourdieu, 2011, p. 21), isto é, em um conjunto de escolhas de pessoas, de bens, de práticas (dentre elas, as esportivas), ou seja, são significações de estilos de vida, modos e gostos que são incorporados no movimento de estruturação de um espaço social, que por sua vez, possui estrutura autônoma, dinâmica e operante com parâmetros que regem as trocas entre os agentes sociais.

É pelo corpo que o sujeito se relaciona com o mundo, muito além da perspectiva espacial e palpável. Participa das relações sociais, de forma que pensamentos e ações são modificados desde um simples contato físico até a relação de compreensão que se estabelece entre os pares, o que o caracteriza social. Por essas relações é que o agente compreende e se familiariza com o mundo e isso ocorre, pois as estruturas cognitivas por ele desenvolvidas são desdobramentos da incorporação das construções do mundo, no qual o corpo experimenta situações a todo o momento, e que pode revisá-las e/ou modificá-las (Bourdieu, 2001).

A partir do habitus é que se organizam as práticas e provém a percepção sobre elas, bem como, suas percepções sobre o mundo social que detém as especificidades de cada classe, de acordo com seu posicionamento enquanto produtor de práticas e obras classificáveis em um mundo social que possui representação abstrata, também citada como espaço social, é que os agentes desenvolvem os estilos de vida (Bourdieu, 2007).

Nesse sentido, “os estilos de vida são, assim, os produtos sistemáticos dos habitus que, percebidos em suas relações mútuas, segundo os esquemas do habitus, tornam-se sistemas de sinais socialmente qualificados” (Bourdieu, 2007, p. 164). Esta sistematicidade está atrelada ao *modus operandis*, que é constituído de acordo com tudo que cerca um indivíduo em aspectos materiais e suas práticas manifestadas em diferentes formas, como por exemplo, os esportes e jogos.

Dessa forma, o processo de apropriação das práticas advindas do *modus operandis* é antecedido por um conjunto de fatores, sendo eles: o gosto, propensão e

aptidão, assim, é possível compreendê-la, segundo Bourdieu (2007, p. 165), como:

[...] a fórmula geradora que se encontra na origem do estilo de vida, conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos - mobiliário, vestuária, linguagem ou hexis corporal.

A hexis corporal faz menção a todo mecanismo que desenvolvemos perante a experiência prática do nosso corpo e o estabelecimento de relações com as estruturas sociais, de modo que as incorporamos. Tal mecanismo recebe o reforço contínuo das reações incitadas pelo mecanismo que o próprio corpo provoca em outros (Bourdieu, 2012). A hexis corporal é disposta pelo que se é fisicamente (corpo) e o modo de que se utiliza esse corpo, ou seja, modo de se portar, atitudes, o que se acredita, o que se é em profundidade e natureza do ser. Ao tecer essas perspectivas, a hexis corporal também permite a absorção de elementos psicológicos ao corpo. Porém, é importante compreender que “essas propriedades corporais são apreendidas através de esquemas de percepção cujo uso nos atos de avaliação depende da posição ocupada no espaço social” (Bourdieu, 2012, p. 80).

As experiências práticas do corpo, por meio de diferentes esportes, são atravessadas por aspectos relacionados às diferentes classes, ou seja, de acordo com a classe, as práticas de determinados esportes geram gastos econômicos, físicos e culturais de diferentes níveis. Assim, a distribuição desses esportes pelas diferentes classes variam conforme as representações que possuem em relação à percepção e apropriação desenvolvida sistematicamente dos diferentes benefícios deles derivados (Bourdieu, 2007).

Bourdieu apresenta estratégias que visam modificar o corpo, no intuito de elevá-lo à um linear legitimado por um viés aplicável a uma categoria modificável do corpo e concomitantemente evidenciar as características ativas presentes na relação sujeito-corpo, bem como as apropriações que ocorrem pelo agente social a partir do que ele é e por intermédio de seu corpo (habitus). Nessa perspectiva, dentre os variados temas abordados em suas reportagens, identificamos que o jornal *A Voz da Raça* apresenta textos que nos oportunizaram adentrar a realidade da década de 1930, na qual se publicava sobre assuntos sociais, desde esportes, críticas, cultura negra e outros tópicos do movimento negro (Posso, 2008), tornando possível, a partir da expressão do periódico, compreender as relações de poder e os processos de

transformações sociais que ocorreram no campo esportivo pela população negra no Brasil.

Esta pesquisa contempla o campo esportivo como um espaço que reflete as mudanças sociais, políticas e culturais de um país. Conforme Bourdieu (1979), a ideia de “campo” sugere um espaço social, no qual os agentes competem uns com os outros em busca de recursos, poder e reconhecimento. Essas lutas são travadas a partir de estratégias e táticas específicas, como o uso da linguagem, construção de redes de relações e a mobilização de recursos. Pelo conceito de campo podemos compreender as dinâmicas sociais, as relações de poder e as desigualdades presentes em diferentes esferas da sociedade. Diante disso, este estudo atenta-se ao campo das práticas esportivas, pois, de acordo com Bourdieu (1983a, p. 7), é o:

[...] lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo.

Dentre os benefícios da prática do esporte, está a saúde, seja ela em uma perspectiva de higiene e cuidado com o corpo, força ou beleza física (Bourdieu, 2007).

Neste sentido, compreende-se a noção de saúde como um reflexo de todo aparato que encontramos no espaço social, contemplando as dimensões econômica, política e cultural, as quais são preponderantes sobre sua interpretação e compreensão. A partir disso, pensar o campo da saúde e de estilos de vida na perspectiva da população negra a partir dos esportes torna-se relevante na medida em que compreendemos que a saúde não simboliza o mesmo sentido para todos os sujeitos. Ao pensarmos em um conceito de saúde inferido pelos esportes, é necessário atentar-se aos fatores de época, lugar e classe social. Também de valores individuais, ou seja, a saúde não representa a mesma coisa para todas as pessoas. Assim, saúde possui uma pluralidade em suas representações e através dela compreende-se que ocorre o processo de incorporação das estruturas sociais através do corpo, enquanto agente social que está localizado em um espaço, enquanto indivíduo e coletivo, e é por si só a base do ser, que passa pela experiência do mundo social, de forma expressiva e síncrona, resultando em um conjunto de significações vividas, relacionando-se assim com a ideia de um bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doenças (Bourdieu, 2007; Scliar, 2007; Montagner, 2008).

Neste contexto, compreende-se o percurso histórico do corpo negro como demarcador de valores sociais pelo qual a sociedade estabeleceu sentidos e valores (Vieira-da-Silva; Almeida Filho, 2009), assim, um corpo socializado que incorporou ao longo dos séculos estruturas complexas e reverberantes e que fornecem elementos necessários para discussões longevas sobre saúde, que podem alcançar o sujeito negro contemporâneo.

2.1.3 Caminhos metodológicos

Nesse tópico, apresentamos a estratégia adotada no percurso desta pesquisa, incluindo a definição da abordagem metodológica, quanto aos procedimentos de coleta e análise de dados, e a justificativa das escolhas feitas ao longo do processo. Iniciamos o processo de pesquisa realizando uma leitura flutuante de exemplares de jornais pertencentes à imprensa negra, na busca por periódicos que pudesse fornecer informações sobre esportes no contexto da população negra. Identificamos o *A Voz da Raça*, como uma potente fonte de pesquisa, considerando seu papel de órgão comunicador de uma das maiores associações de negros no Brasil, na primeira metade do século XX, a Frente Negra Brasileira, criada na cidade de São Paulo, que no período, já era um grande centro urbano e uma das bases da economia no país (Sevcenko, 1992).

Em consulta ao arquivo da Hemeroteca Digital, que pertence à Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, um dos maiores acervos de jornais extintos do país, analisamos e verificamos que o jornal possuía 70 publicações, entre seus anos de veiculação, 1933 e 1937. O acesso aos exemplares do jornal *A Voz da Raça* tornou viável a dialética que almejou-se estabelecer entre este estudo e as representações sociais na perspectiva da população negra, a fim de possibilitar a compreensão sobre a dinâmica social da época, considerando que os elementos que compõe a sociedade são carregados de significados e não se apresentam sem uma intencionalidade, sendo que formam condutas e elaboram estratégias (em dimensões políticas e sociais) para defender determinadas ideologias ou justificar decisões e condutas para os integrantes de uma cultura (Chartier, 1988).

Na busca por vestígios sobre esporte em fontes impressas, estabelecemos estratégias para examinarmos as representações de saúde e estilo de vida,

qualitativamente. Segundo Barros (2019), é possível apurarmos estratégias, decodificar vocábulos e desenvolver uma análise que contemple a autodescrição da fonte. Nesse sentido, é possível realizar a análise de formatos e discursos para melhor contemplação das fontes, sempre as problematizando.

Neste estudo utilizou-se como metodologia a análise de conteúdo, que segundo Bardin (2016, p. 37) “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”, na qual é importante que o pesquisador tenha uma postura crítica e reflexiva em relação ao processo de análise, levando em consideração a limitação e os desafios envolvidos no decorrer do processo de interpretação desses dados. Conforme Bardin (2016), esse processo possibilita analisar documentos de forma sistemática e objetiva, extraindo informações que sejam relevantes e significativas, possibilitando identificar padrões, categorias e temas que estão presentes no material analisado.

A partir da leitura flutuante do jornal *A Voz da Raça*, foi possível identificar que os esportes foram práticas destacadas pelo periódico, compreendidas como núcleo global de sentido.

Na etapa de exploração do material, as reportagens foram codificadas para embasar a formação de categorias, a fim de “atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão” (Bardin, 2016, p. 133). Dessa forma, o objetivo foi identificar os temas e padrões presentes no material e classificá-los em categorias que proporcionam uma análise mais precisa. Nesse momento realizamos a operação de recorte textual (seleção), a partir do qual definimos o conjunto de unidades de análise, elencando palavras, frases, parágrafos ou outros elementos apresentados nas reportagens e identificados como importantes para. Este processo permitiu que, posteriormente, fossem elaboradas categorias que serviram como referência para a análise. Na presente pesquisa adotamos a unidade de significado para extrair os trechos completos das reportagens como parte dos achados, assim, contribuindo para a robustez discursiva dos dados. Após selecionar as diferentes unidades de significados, estas foram agrupadas em duas grandes categorias elaboradas *a posteriori*: esporte e futebol.

Em relação à categoria “esporte”, esta apresenta-se relevante no contexto analisado e, especialmente a partir do referencial teórico adotado, uma vez que, esporte e saúde estão intrinsecamente conectados na perspectiva de Pierre Bourdieu

(2007). O autor retrata que a saúde é um dos diferentes benefícios que os esportes produzem e isso torna-se relevante na medida em que o corpo ocupa a centralidade nas práticas esportivas, manifestando sua transversalidade, e por isso os esportes possuem significações e representações sociais que possibilitam analisar determinados contextos, por expressarem o corpo nas práticas. Entende-se, portanto, que o esporte é instrumento e vetor de ações, assim como hábitos alimentares e estéticos, que estabelecem relações entre doenças e cuidados com a saúde, bem como as demandas conscientes dos esforços necessários para a prática esportiva.

Destacamos que, entre os esportes, verificou-se que o futebol foi a prática mais explorada pelos editores, por essa razão, estabelecemos “futebol” como segunda categoria e compreendendo-o como prática esportiva, tornou-se relevante investigá-lo por apresentar uma perspectiva associativa e semântica com o termo “esporte”. Dessa forma, a “categoria” futebol passa a ser tratada nesse estudo no mesmo nível do “esporte” e não como uma categoria derivada.

Assim, para a categoria “esporte” houve 16 aparições, nas 70 edições publicadas entre 1933 e 1937, das quais descartamos 9 aparições por estarem relacionadas a reportagens de cunho informativo sobre temas diversos que não se relacionavam com o objetivo de pesquisa. A partir disso, para a análise, utilizamos o total de 7 reportagens¹¹ publicadas ao longo do período entre 1933 e 1937. Associado à categoria “esportes”, identificamos três temas recorrentes, sendo eles: elevação física e moral, anúncios de eventos esportivos e identidade racial.

Para a categoria “futebol” houve 18 aparições nas 70 edições publicadas entre 1933 e 1937. Dentre essas, descartamos 7 aparições por se tratarem de reportagens de cunho informativo que não se relacionavam com o objetivo de pesquisa. As 11 reportagens restantes, todas publicadas no ano de 1933, foram exploradas, das quais emergiram quatro temas estabelecidos de forma semântica, pela similaridade e equivalência dos significados, a saber: descrições de jogos, perfis de jogadores, opiniões editoriais e identidade racial.

Conforme Bardin (2016, p. 148), “classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros”. Nesse sentido, a categorização ocorreu com as reportagens sendo analisadas separadamente e

¹¹ Neste estudo, a grafia das reportagens foi reproduzida de forma integral e as figuras utilizadas são apresentadas a fim de proporcionar elementos visuais para a compreensão do contexto da pesquisa. Neste sentido, não há uma análise imagética.

posteriormente relacionadas entre si, e como pano de fundo foi possível identificar âncoras de análise que interseccionam o debate em torno do esporte e do futebol, sendo elas: saúde higienista, integração social, nacionalismo e mobilização social. A partir disso, problematizamos as fontes a fim de responder alguns questionamentos, tais como, quais representações de saúde eram geradas no jornal? Quais concepções de saúde permeiam o período? Qual o posicionamento do jornal frente a elas? Em qual o contexto sócio-histórico-cultural o jornal está inserido? Assim, contextualizamos cada evento histórico de acordo com o conteúdo de cada reportagem, adequamos as informações com o problema que rege a pesquisa, sempre atentando-se ao que está posto subjetivamente, a partir da visão de quem elaborou o conteúdo nele presente.

Iniciamos a busca pela compreensão sobre os questionamentos anteriormente apresentados, com uma breve apresentação do cenário que a população negra percorreu durante o estabelecimento de sua relação com o Brasil. Torna-se relevante a compreensão sobre os aspectos históricos que o corpo negro vivenciou, pois a partir deles é que poderemos compreender de maneira congruente as análises sobre as representações geradas a partir dele.

3 UM BREVE PANORAMA DO PERCURSO HISTÓRICO DO CORPO NEGRO NO BRASIL

Neste capítulo apresentamos uma breve contextualização sobre a perspectiva do negro no Brasil e dos aspectos sociais que atravessaram seu percurso histórico, no intuito de fornecer elementos elucidativos sobre a interpretação realizada nas análises das representações geradas a partir do corpo negro que serão apresentadas nos capítulos seguintes.

A relação do negro com o Brasil inicia-se de forma abrupta, descaracterizadora e devastadora, na travessia do Atlântico, quando seus corpos são traficados e comercializados para fins de escravização, na segunda metade do século XVI. Por mais de três séculos o trabalho do negro escravizado foi a base econômica do Brasil. A partir de 1888, a formação da Primeira República não contemplou a cidadania da população negra, que foi ignorada, assim como, ignoraram as péssimas condições em que ela se encontrava pós-abolição da escravatura, que reforça que as relações raciais existentes no país, são caracterizadas pelo racismo e intolerância (Fernandes, 2008).

A população negra brasileira não foi introduzida na sociedade, de modo a se desenvolver com integralidade. Durante as primeiras décadas do século XX, os negros, atingidos diretamente pelas condições de abandono e indiferença social, uniram-se em grupos e se lançaram em diáspora para as grandes cidades, nas quais se depararam com aspectos desfavoráveis de saúde, educação, lazer, trabalho entre outros. Os desdobramentos de todo este processo atribuíram ao corpo negro uma perspectiva cartesiana e desumana, gerando uma incompreensão sobre vivência desse corpo, o que culmina no processo de apagamento de sua própria história (Nogueira, 2021).

A construção da identidade do indivíduo está intimamente ligada à imagem que ele produz de si em contato com seus semelhantes em experiências construídas coletivamente, tudo isso a partir do próprio corpo e isso se determina pelo lugar que esse corpo ocupa no contexto social, bem como os sentidos e valores que essa mesma sociedade a eles atribui (Souza, 2021). Nesse sentido, questiona-se, de que forma é possível construir uma identidade tendo passado por um processo desumano,

em que coloca o sujeito na condição de subsistência e tenta com que isso tome aspectos naturalistas? (Nogueira, 2021).

O corpo negro, teve propositalmente atribuídos sobre si, parâmetros negativos como forma de impor limites a sua participação social, de modo que se manteve o distanciamento de sua perspectiva naturalista, uma vez que ele passa a interagir e se configurar pela dimensão social em que vive (Nogueira, 2021). Nesse sentido, sabendo que a configuração social é baseada por elementos hegemônicos da branquitude e esses por sua vez retroalimentam as posições de poder e de domínio social (Souza, 2021), pensar as representações sociais geradas pelo corpo negro é um exercício que inclui a utilização de lentes que possibilitem enxergar e não somente ver, os desdobramentos de uma sociedade fundada em bases discriminatórias e da posse de uma pessoa pela outra, justamente para que se perpetuem no tempo e no cenário social as configurações de poder de determinado grupo, em específico, da branquitude¹².

O processo depreciativo de abuso, exploração pelo qual perpassa o corpo negro, ao longo da história, contribui significativamente para que a comunidade negra, até os dias atuais, passe por distorções e correntes de discriminação, nos mais diversos cenários sociais. Conforme contribui Neusa Santos Souza (2021, p. 30): “a imagem ou o enunciado identificatório que o sujeito tem de si está baseado na experiência de dor, prazer ou desprazer que o corpo lhe obriga a sentir e a pensar”. A partir desse contexto, é possível compreender que o impacto histórico-cultural-social de exploração hegemônica da branquitude é, por sua vez, uma das principais causas de conflitos na elaboração da corporeidade negra. É possível compreender que a relação persecutória estabelecida sobre o corpo negro, traz desdobramentos que refletem para além do plano da psique do sujeito, pois a sociedade valoriza um fenótipo específico e por esse mesmo tece práticas de diferenciação, exclusão e por consequência alimenta a discriminação. Dessa forma, a tensão sobre o corpo negro é fortalecida, pois a colocação de que há uma problemática no simples fato de ser e existir, direciona o sujeito a vigiar tal corpo que se põe contra a hegemonia branca que há muito possui o domínio social (Nogueira, 2021).

¹² Branquitude é um conceito referente ao pertencimento racial branco e compreendido como lugar de privilégios simbólicos e materiais (Cardoso; Müller, 2018).

A perspectiva das representações do corpo negro está atrelada ao espaço social e suas estruturas, de tal forma que elabora e sustenta um formato de dinâmica social que subalterne a população negra. O próprio espaço social foi utilizado na ação excludente quando estabelece propostas baseadas no movimento eugenista e pauta a ascensão social em objetivos a serem alcançados por tópicos elitistas, fundamentados por bases de capital que se abastaram no decorrer dos séculos através de um processo exploratório e para perpetuar tal condição, utilizaram-se de signos sociais para invalidar qualquer tipo de atributos inerentes a população negra e outros grupos, de forma que na maioria das vezes, tentam fazer do efeito uma causa, geralmente utilizando-se de discursos pautados pela meritocracia e democracia racial (Nascimento, 2021).

A função de compreender, as representações geradas pelo corpo negro, com a integralidade do ser na dimensão social, propõe não somente um olhar, mas uma práxis para além do viés biologicista (considerando os protocolos mecanicistas, conteudistas, discriminatório, excludentes e de reprodução que são exigidos na perspectiva da hegemonia social). Não é apenas possível, mas necessário que se compreenda o exercício de autoconhecimento através das representações do corpo negro, para que se expanda, se fortaleça, se ressignifique e se perpetue gradativamente na sociedade contemporânea, o pertencimento e a riqueza constituída pela ancestralidade da população negra, a fim de que seja possível a transcendência por parte do corpo negro para uma dimensão social na qual seja viável o desenvolvimento integral, de modo que o corpo seja experienciado, vivenciado e estabelecido como vetor de vida e prazer (Souza, 2021). Percebendo como a relação do corpo negro foi estabelecida com o contexto social no decorrer dos séculos no Brasil, é importante considerar que a auto apreciação do corpo na população negra não é uma realidade. A distorção da realidade chega ao ponto de fazer com que o negro negue em si tudo o que há de diferente em relação ao outro. Desta forma, enfraquecido, o sujeito passa a não separar o contexto de realidade por assim acaba colocando-se à disposição da vontade do outro (Nogueira, 2021).

A partir disso, é tão complexo quanto necessário pensar o processo de elaboração, experimentação e incorporação pelo qual passou o corpo negro, sendo que foi socialmente colocado em uma estrutura colonizadora, em que observamos a “construção e manutenção da ideia de raça; de inferioridade de um povo em relação

ao outro; no aparato ideológico criado para a livre exploração de negros/as e indígenas por pessoas brancas, consideradas dotadas de superioridade e pureza” (Paim; Pinheiro; Paula, 2019, p. 440), e por séculos é segregado pelos agentes no espaço social, o qual ainda fortemente apresenta comportamentos, mantém estruturas de exclusão, e exerce uma influência no campo da saúde e sobre os estilos de vida, sendo esses resquícios de dois movimentos fortes no Brasil que afetaram a população pobre, preta e indígena, sendo eles: o eugenismo e higienismo.

Com a abolição da escravatura, ao invés de desenvolver um processo de reinserção dos negros, o governo brasileiro, em apoio aos ideologistas racistas, defenderam a proposta de pensadores eugenistas e investiram fortemente na política de imigração de estrangeiros, em especial de italianos. Todo esse movimento tornou o processo de exclusão do negro sistemático pela sociedade (Araújo, 2021).

Como forma de resposta, os negros organizaram-se em coletivos, promovendo o associativismo negro, que conforme Silva (2021, p. 446), consiste em grupos de negros “voltados para os interesses do grupo que procuram representar, em grande medida reivindicativos de direitos de cidadania e respeitabilidade da diferença social de existência”, tendo como objetivo em comum a busca pela integração social dos negros e melhora em suas condições de vida, promovendo o acesso à saúde, empregos e realizando festivais esportivos. Uma dessas organizações era a Frente Negra Brasileira, fundada em 1931, criadora do jornal *A Voz da Raça*.

Nos próximos capítulos, apresentaremos as discussões e os resultados de nossas análises, a partir das reportagens verificadas sobre os esportes no jornal *A Voz da Raça*.

4 O ESPORTE NO JORNAL A VOZ DA RAÇA: REPRESENTAÇÕES DE SAÚDE HIGIENISTA E ESTILO DE VIDA DA POPULAÇÃO NEGRA

No Brasil, em 1930, mudanças sociais ocorriam ocasionadas pela ascensão de Getúlio Vargas ao governo do país, o qual adotou uma postura nacionalista e populista, enfatizando a valorização do trabalhador e a defesa dos interesses nacionais e promoveu uma série de políticas voltadas para a industrialização e a proteção dos setores econômicos brasileiros. Neste período, os grandes centros começavam a ser ocupados por negros que se lançavam para as cidades na expectativa de melhores condições de vida. Em São Paulo, o negro buscava construir sua cidadania, procurando por acesso a trabalho, saúde e lazer, no entanto, a sociedade paulista não aderiu a essas mudanças e manteve a exclusão e indiferença sobre a população negra, que vivia em condições subalternas, sem acesso à educação, sem emprego, sem moradia e sem acesso a saúde (Andrews, 1998; Silva, 2003; Carvalho; Silva, 2016; Silva, 2021).

As condições dos negros não eram favoráveis e a sociedade não o incluía de forma a oportunizar a superação das condições em que viviam. Como forma de enfrentar esse contexto, os negros que conseguiam aos poucos ocupar cargos estáveis no serviço público, por meio de provas ou indicações, passaram a formar uma pequena e rara classe média negra, a partir da qual, puderam se organizar como coletivo e estabelecer organizações e associações para reivindicar o desenvolvimento social e cultural dos demais negros, a partir da promoção de cursos de alfabetização, leitura, esportes, entre outros (Silva, 1997; Fernandes, 2008; Nogueira, 2021; Souza, 2021).

Por intermédio dos esportes, eram expressas formas de socialização entre a comunidade negra, as quais eram incentivadas pelas organizações formadas por negros que promoviam eventos esportivos como forma de combater a exclusão social que enfrentavam no período pós-abolição. Essa mobilização racial tinha por objetivo reverter a situação de marginalização em diversos aspectos da sociedade, incluindo no campo esportivo, bem como, promover a interação racial entre pessoas negras, por meio de atividades culturais e esportivas e dentre as modalidades esportivas estavam presentes o atletismo, xadrez, tênis de mesa, futebol, voleibol, entre outros (Domingues, 2004).

No entanto, o contexto esportivo no Brasil refletia as divisões e desigualdades sociais presentes na sociedade da época. Os negros enfrentavam restrições e discriminação em diferentes aspectos esportivos, desde o acesso a clubes esportivos até a participação em competições. Por essa razão, por intermédio de associações, a população negra passou a promover eventos esportivos e que eram noticiados pelo *A Voz da Raça*.

Destaca Drumond (2013) que a promoção dos esportes durante o governo de Getúlio Vargas não se restringiu apenas ao aspecto físico, mas também teve um caráter simbólico e político. Com a exaltação de valores como disciplina, trabalho em equipe e superação, Vargas buscava moldar uma nova mentalidade na sociedade brasileira, alinhada aos ideais de um governo autoritário¹³. Dessa forma, a estratégia de Getúlio Vargas em utilizar os esportes como instrumento de difusão de valores na população brasileira teve um impacto significativo na construção da identidade nacional e na consolidação do poder político. Ao promover a prática esportiva e os valores associados a ela, Vargas buscava não apenas fortalecer o corpo, mas também moldar a mente e os corações dos brasileiros em conformidade com a visão de Estado por ele idealizada.

4.1 ELEVAÇÃO DO FÍSICO E DA MORAL: EUGENISMO E HIGIENISMO NAS PRÁTICAS ESPORTIVAS

No Brasil, durante as primeiras décadas do século XX, o higienismo estava presente na sociedade e fomentava a valorização da moral e do físico, com a ideia de que a criação de hábitos saudáveis configurava algo primordial para conceber uma raça humana elevada, incluindo o precedente de combater a mistura de raças; nesse sentido, o higienismo baseava-se no eugenismo (Mansanera; Silva, 2000). O discurso higienista era fixado por mecanismos de manifestações sociais, o que transformava hábitos, costumes, valores e crenças, almejando uma higienização do corpo (Milagres; Silva; Kowalski, 2018).

A Frente Negra Brasileira promovia atividades socioculturais, dentre elas, eventos esportivos, como forma de melhorar a situação da população negra, com

¹³ O autoritarismo caracteriza regimes ditatoriais, monarquias absolutas ou governos totalitários, e está associado à falta de liberdades individuais, à supressão de oposição política e à ausência de um sistema de governo democrático e participativo (Bobbio, 2008).

vistas ao seu principal objetivo: a integração do negro na sociedade brasileira (Neres; Cardoso; Markunas, 1997). De acordo com Andrews (1998), assim como a dança e a música, o esporte era altamente valorizado enquanto prática de lazer, fazendo parte do estilo de vida da população negra brasileira. Entretanto, as práticas esportivas faziam parte de um projeto maior, desenvolvido pela Frente Negra Brasileira, sendo possível analisá-lo quando esta organização publiciza seu estatuto no jornal *A Voz da Raça*, no qual cita:

Art. 3º - A 'FRENTE NEGRA BRASILEIRA', como força social, **visa a elevação moral, intelectual, artística, técnica, profissional e física;** assistência, proteção e defesa social, jurídica, econômica e do trabalho da gente negra. §Único - **Para execução do art. 3.º,** criará cooperativas econômicas, escolas técnicas e de ciências e artes e **campos de esportes** dentro de uma finalidade rigorosamente brasileira (Estatutos, 1933, p. 3, grifo nosso).

A “elevação moral e física” como objetivo a ser alcançado pela Frente Negra Brasileira para a população negra, tendo a criação de campos de esporte para a sua execução, demonstra que essa organização estabeleceu um diálogo com as perspectivas higienistas da época, que visavam a regeneração da raça pelo aperfeiçoamento físico e moral, tendo por base a disciplinarização dos corpos e hábitos da vida dos indivíduos em prol da saúde (Soares, 1990). Conforme afirma Schwarcz (1993), a concepção de saúde da época era influenciada por cientistas, intelectuais e professores que defendiam o viés higienista. Nota-se, assim, que o *A Voz da Raça*, editado por uma rara e pequena parcela de negros letrados e de classe média, se utilizava deste discurso e disseminava a compreensão de que a população negra brasileira deveria passar pelo aperfeiçoamento físico e moral.

O jornal apresenta uma narrativa que instigava configurar o negro segundo os padrões sociais de higienismo, usando a prática esportiva, citando que “Praticar o esporte em todas as suas modalidades, é um meio de se aperfeiçoar fisicamente a Raça” (Página..., 1937, p. 2). O texto evidencia a ligação do esporte com o “culto higienista da saúde” (Bourdieu, 2007, p. 201), expressando a compreensão da prática esportiva com o objetivo do aperfeiçoamento físico da população negra brasileira, a fim de dialogar com “a realização das grandes aspirações sanitárias do Estado: a robustez do indivíduo e a virtude da raça” (Mansanera; Silva, 2000, p. 119). Isso contribuiria para a construção de uma identidade positiva do negro, na expectativa de que fosse incluído socialmente, em um período no qual era considerado de raça

inferior, “ligado ao descontrole social, a um intelecto empobrecido e a uma moral e uma constituição física e mental desagregadas” (Luengo, 2010, p. 37).

Na cidade de São Paulo, associações como a Frente Negra Brasileira e o Clube Negro de Cultura Social¹⁴ tinham como objetivo oferecer serviços e apoio à população negra, suprimindo as lacunas deixadas pelo Estado em termos de acesso à saúde, cultura, esporte e assistência social. Elas ofereciam uma gama de atividades que visavam fortalecer a cultura e a identidade negra, fornecer assistência material e moral aos seus membros e comunidades, além de criar espaços de sociabilidade, lazer e práticas de hábitos saudáveis.

O Clube Negro de Cultura Social (1931-1937) surgiu da insatisfação de alguns membros da Frente Negra Brasileira, os quais alegavam a adesão desta organização a uma política fascista¹⁵ por expressar posicionamentos demasiadamente nacionalistas¹⁶ e a defesa de valores conservadores (Domingues, 2004), principalmente por parte de Arlindo Veiga dos Santos, primeiro presidente da Frente Negra Brasileira, que demonstrava uma contrariedade ao regime democrático, chegando a fazer apologia ao fascismo (Domingues, 2006a).

O jornal, mesmo sendo um canal de comunicação oficial da Frente Negra Brasileira, divulgava os eventos esportivos promovidos por essas associações, conforme citado no seguinte texto: “o Clube Negro de Cultura Social, seguindo o que vinha executando nos anos anteriores, fará realizar mais um programa esportivo composto de **prova de rua, corrida, bola ao cesto e futebol**” (Página..., 1937, p. 2, grifo nosso). Possivelmente, a escolha de tais modalidades na programação esportiva, tenha sido feita em razão do baixo custo financeiro de manutenção da prática dos esportes mencionados e, conseqüentemente, da fácil aderência da população negra brasileira a eles. Considerando que a prática de diferentes esportes está ligada a condições diversas da população, dentre elas, o capital econômico e cultural (Bourdieu, 1983a). Cabe chamar a atenção para o fato de que, no contexto do período, o negro seguia excluído socialmente, sem condições adequadas de moradia, saúde,

¹⁴ O Clube Negro de Cultura Social teve atuação social em prol da comunidade negra brasileira, com destaque a promoção de atividades esportivas e culturais. A entidade teve o seu encerramento pelo Estado Novo getulista, em 1937 (Domingues, 2004).

¹⁵ O fascismo foi um regime político totalitário originário da Itália nas décadas de 1920 e 1940 (Trotsky, 2018).

¹⁶ Entre 1930 e 1945, o nacionalismo ganhou expressão no Brasil, num conjunto de discursos e pronunciamentos, pontificava a defesa e a valorização da nação (Ribeiro, 2006).

educação e lazer, logo, as condições sociais limitavam as possibilidades de a população negra brasileira praticar outras modalidades esportivas.

A reportagem evidencia a inserção, por parte de associações, de modalidades esportivas no contexto da população negra brasileira e demonstra a incitação às suas práticas ao utilizar essas modalidades para celebrar datas comemorativas. A reportagem intitulada “Prova 13 de maio” (Página..., 1937), por exemplo, faz menção ao dia 13 de maio de 1888, data em que foi assinada a lei de libertação de pessoas escravizadas no Brasil. Uma das razões para a comemoração desta data pode ter sido a forma como a escravidão era vista tanto pela Frente Negra Brasileira quanto por outros pequenos grupos de negros militantes: a contribuição do negro para a construção do país.

Contudo, destaca-se que, no Brasil, a efetivação da libertação dos escravos ocorreu devido à pressão política internacional, principalmente por parte da Inglaterra e da França; e, quando ocorreu a abolição da escravatura, apenas 5% da população negra ainda era escravizada (Araújo, 2021), ou seja, o 13 de maio “não modificou as estruturas brasileiras, o corpo negro foi colocado à margem da sociedade” (Souza, 2019, p. 356).

O passado de escravização não era negado, porém, evitava-se passar a impressão de apego às raízes africanas e, para isso, reforçava-se o papel de patriota, com a finalidade de firmar a figura nacionalista do negro (Silva, 2003), de modo que ressignificar o 13 de maio com festividades, incluindo o esporte, seria uma das formas de vincular um fato marcante para o país a um viés positivo sobre a figura do negro.

Nesse período, o clube promovia eventos esportivos para a população negra e divulgava essas ações através do *A Voz da Raça*, reforçando seu compromisso de prezar pela elevação moral e esportiva da população, como expressa o seguinte texto: “Si existem clubes compostos por associados negros e que primam pelo **engrandecimento moral, esportivo e cultural** dos mesmos, o Club Negro de Cultura Social, é um deles” (Clube..., 1937, p. 3, grifo nosso).

Associações como o Clube Negro de Cultura Social eram formadas por negros que compunham uma camada social mais elevada em relação aos demais negros (Araújo, 2021), e a aderência ao discurso higiênico em suas práticas esportivas tornou-se mais recorrente, pois “as funções higiênicas tendem cada vez mais a se

associar, e mesmo a se subordinar, a funções que se pode chamar de estéticas, à medida em que se sobe na hierarquia social” (Bourdieu, 1983a, p. 18).

Percebe-se que, mesmo se tratando de outra associação, o engrandecimento da prática esportiva e da moral eram ferramentas de dominação utilizadas pelo higienismo de condutas civilizadas e do autocontrole (Luengo, 2010), portanto, é demonstrada a influência e a aderência à concepção higienista, não só pela Frente Negra Brasileira, mas, também, por outros grupos compostos por negros com melhor ascendência social do que os demais.

Dessa maneira, conforme Bourdieu (2001), os agentes que detêm titulações são reconhecidos perante seu espaço social e conseqüentemente terão maior poder para citar o que é ou não verdade. Nesse sentido, grupos formados por negros letrados acabavam disseminando pensamentos higiênicos a fim de influenciar as práticas sociais presentes no estilo de vida da população negra, como as práticas esportivas através de reportagens publicadas no *A Voz da Raça*.

O esporte tinha sua função direcionada para a manutenção do estilo de vida do negro e acompanhou o desenvolvimento histórico da sociedade. Como pode ser visto na reportagem intitulada “Esporte”, com informações sobre uma partida de futebol entre clubes esportivos de negros, o Frentenegrino Futebol Clube¹⁷ contra o Vae Vae Futebol Clube¹⁸, desvelando a relação entre a postura disciplinadora que o esporte exige e a que foi demonstrada pelos jogadores durante a partida:

A peleja esteve devéras movimentada, e o jogo devéras equilibrado e interessante; ambos os quadros são dignos de uma menção; pois que os seus jogadores, demonstraram mestria no desenvolver do jogo, onde notamos **disciplina**, predicado que mais necessita um jogador (Esporte..., 1933b, p. 4, grifo nosso).

A reportagem, reforça a disciplina como um valor dos jogadores negros brasileiros e, com isso, atribui o caráter disciplinador como uma exigência a quem estivesse no campo esportivo. Evidencia-se o indicativo do uso dos esportes para manutenção do corpo com vistas a uma disciplina, que tratasse o funcionamento do corpo como veículo do culto higienista, perceptível na própria forma física, configurando um meio de controlar o corpo e promover atitudes moralizadas

¹⁷ Time de futebol oficial da Frente Negra Brasileira (Domingues, 2004).

¹⁸ Time de futebol oriundo de uma torcida organizada, na cidade de São Paulo, oficializado em 1930 (Vai-Vai, 2023).

(Bourdieu, 1983a). Nesse caso, a disciplina expressada pelo corpo era necessária a um jogador esportivo, tendo um caráter de ordenação dos corpos que era compreendido como fator de aumento no capital de saúde, o que foi tornando o campo esportivo relevante nacionalmente (Goellner, 2008).

Na medida em que o movimento negro interiorizava a ideia de pertencimento à nação brasileira (Silva, 2003), o incentivo à prática esportiva tornava-se recorrente nas publicações do jornal *A Voz da Raça*, como é possível observar em um trecho da reportagem intitulada *Comentando* (Comentando..., 1937), a qual aborda uma competição entre equipes de “ping-pong”¹⁹ disputada por integrantes de clubes e associações negras. No intuito de reforçar a permanência dos atletas negros, a matéria cita o seguinte: “Mas não desanimem os sportistas fretenegrinos. É perdendo, que se aprende a vencer! Esses que hoje lamentam o fragor de uma derrota, amanhã, poderão decantar os louros de uma vitória” (Comentando..., 1937, p. 3).

O apelo motivacional presente na reportagem indica a maneira como a Frente Negra Brasileira fomentava a participação dos negros em práticas esportivas, utilizadas como uma ferramenta de sociabilidade do negro em um espaço hegemonicamente branco e com a finalidade de civilizá-lo, “compreendendo às práticas esportivas como dotadas de valores e virtudes civilizatórias” (Rubio; Ferreira Júnior, 2023, p. 30). A partir do processo exploratório pelo qual passou, o negro foi submetido ao padrão cognitivo estabelecido pelos brancos, “ou seja, em que o conhecimento do não-europeu (o negro e o índio) se torna passado, primitivo, irracional e inferior” (Farias; Faleiro, 2020, p. 3). Dessa forma, a incorporação dos parâmetros culturais do branco era uma estratégia de mobilidade rumo a inserção social do negro, e era exteriorizada por lideranças de grupos e associações negras, como por exemplo, os jornais (Santos, 2011). Podemos compreender que na medida em que ascendiam socialmente, os negros desse pequeno grupo que formava parte dos editoriais da imprensa negra, incluindo o *A Voz da Raça* (Araújo, 2021) mesmo na intenção de fortalecer e positivar a figura do negro, tinham por objetivo desenvolver uma identidade que incorporasse seus valores e interesses, aderindo ao padrão social higienista do branco, vigente no período.

¹⁹ Também conhecido como tênis de mesa, é um jogo em que duas pessoas ou duplas utilizam-se de raquetes de madeira para passar uma bolinha de um lado a outro de uma rede instalada em uma mesa. No Brasil, teve início por volta de 1905 (Dantas, 2023).

4.2 PÁTRIA, RAÇA E ESPORTE: O ESPORTE COMO FERRAMENTA DO NACIONALISMO E A RELATIVIZAÇÃO DO RACISMO.

O nacionalismo, compreendido como um mecanismo que visava estabelecer legitimamente Estados-nações²⁰, teve sua aplicação no Brasil no início da década de 1930, com a Era Vargas, que corresponde ao período em que Getúlio Vargas governou o país. Eleito em outubro de 1930, permaneceu no cargo durante 15 anos ininterruptos, com um golpe de Estado (Staudt, 2019).

Com o advento de Vargas, foram disseminadas ideias inerentes ao conceito de nacionalismo, o qual desenvolveu o controle sobre diversas esferas da sociedade, dentre elas, a educação e o esporte. O *Voz da Raça* apresenta sua percepção sobre as transformações no campo dos esportes, citando:

Atualmente, em todos os países, o esporte é encarado com carinho pelos governos, interessados na maior **robustês e energia** de seus povos. No Brasil, segundo os atos que já vão bem encaminhados, **os governos vão intervir** na unificação e oficialização dos esportes, o que é uma necessidade premente, dado o dissídio que lavra no mundo esportivo brasileiro (Página..., 1937, p. 2, grifo nosso).

A reportagem demonstra a reprodução dos ideais nacionalistas por parte do jornal, evidenciando que o esporte foi apropriado pelo governo, que teve uma ação direta sobre a estruturação social dessas práticas. Nesse período, os estados nacionalistas incorporaram os esportes em estruturas econômicas, tornando-os um produto da indústria cultural (Sigoli; Rose Júnior, 2004). Nesse sentido, a corrente eugenista sustentava os pensamentos higienistas de que, se o povo brasileiro era frágil em termos de saúde, isso não se devia à constituição genética inferior, como pregavam os deterministas raciais, mas ao meio ambiente e à condição de abandono que teriam tornado a raça inferior ao longo do tempo, sendo o remédio o cuidado com o físico, a procura por tornar-se saudável e a busca pela robustez, uma vez que os são tornam-se fortes e os fortes herdam a força de sua descendência (Marques, 2017).

Ainda na reportagem, é apresentada uma perspectiva mundial sobre a finalidade das práticas esportivas, sendo pautadas no aperfeiçoamento físico das

²⁰ Conforme Bresser-Pereira (2017, p. 156): “O estado-nação ou país é um tipo de sociedade político-territorial soberana, formada por uma nação, um Estado e um território”.

populações, considerando que, na concepção higienista, apenas medidas sanitárias por melhores condições de higiene e saúde da população ainda não possibilitaria a limpeza de pessoas consideradas degeneradas. Para eles, a higiene também deve ser eugênica, para que pessoas consideradas superiores e não degeneradas possam higienizar a espécie humana, tornando-a superior (Maia; Silva, 2016).

O projeto nacionalista consistia em desenvolver uma identidade nacional apesar das diferenças culturais, sociais e raciais presentes no país, incluindo a utilização dos esportes como instrumento de adesão à identidade nacionalista, a partir do reconhecimento que um esporte tem perante grupos de diferentes classes sociais e etnias (Coertjensi; Guazzelli; Wasserman, 2004).

Isso fez com que ocorresse a “divulgação do esporte e da multiplicação das associações esportivas que, originalmente organizadas sobre bases beneficentes, progressivamente, foram recebendo o reconhecimento e a ajuda dos poderes públicos” (Bourdieu, 1983a, p. 12). No Brasil, o governo de Getúlio Vargas utilizou-se do esporte para impulsionar a adesão da população ao nacionalismo.

A maioria dos interlocutores do *A Voz da Raça* era composta por pobres, negros, desempregados e com baixa autoestima. Por isso, um dos intuítos, não somente do jornal, mas de toda imprensa negra, era elevar a autoestima dos negros através de uma vivência social mais ativa e de exemplos de negros com algum destaque e com isso elevar a moral dessa população (Silva, 2003). Um dos exemplos está no trecho da reportagem que cita a vitória de José Xavier de Almeida²¹, representante do clube Vasco da Gama²², em uma competição internacional de atletismo:

É o que acaba de fazer **o grande atleta negro** José Xavier de Almeida, do valoroso clube Vasco da Gama, do Rio. No Oitavo Campeonato Latino Americano De Atletismo realizado sábado dia, 8 deste em Montividéo (Uruguay) ele correu os 100 metros em 10” e 3/5, **obtendo uma belíssima vitória para o Brsil**. O tempo alcançado constitue recorde brasileiro. Xavier, o grande campeão Sul Americano dos 100 metros é ainda otimo corredor dos 200 metros, nos quias obteve o 2º lugar (Um atleta..., 1933, p. 3, grifo nosso).

²¹ José Xavier de Almeida destacou-se como o principal velocista brasileiro durante a década de 1930. Durante esse período, ele conquistou três títulos nacionais de velocidade e triunfou nos 100 metros nas edições dos Campeonatos Sul-Americanos de 1933 e 1935 (Olympics..., 2023).

²² O Club de Regatas Vasco da Gama, um clube esportivo, fundado em 21 de agosto de 1898, sendo o primeiro clube a aceitar atletas de todas as raças (Atletismo..., 2023).

Compreende-se que o destaque dado as vitórias obtidas nos esportes pelos atletas negros era uma estratégia para fortalecer a identidade individual e coletiva da população negra, sendo o próprio corpo um objeto de exaltação por parte do *A Voz da Raça* que procurava promover a autoestima e fortalecimento da figura do negro, como demonstra a seguinte reportagem ao ressaltar o aspecto físico de um atleta negro, citando que “uma figura masculina de negro a demonstrar através de um dos músculos de aço, toda a energia de uma raça!” (A idolatria..., 1933, p. 4). A corrente eugênica fixou a figura do indivíduo branco como o modelo racial detentor de qualidades superiores às demais raças, enquanto o corpo negro era considerado primitivo (Oliveira, 2008), por essa razão, o negro ao se sentir valorizado e com prestígio social, modificaria o status de inferioridade sobre ele configurado e ao mesmo tempo, fixaria o sentimento de pertencimento à nação brasileira, ao ter sua participação evidenciada nos esportes.

Grupos sociais que apoiavam os ideais nacionalistas também aderiram ao discurso, sendo possível verificar a adesão do *A Voz da Raça* ao discurso nacionalista, expresso na seguinte reportagem:

Carcule-se a responsabilidade que tem a energia que deve ter um corredor para vencer uma prova dessa quando tomam parte campeões de renome e **ainda mais num concurso internacional**, onde cada concorrente procura **os louros da vitória para a sua pátria!** (Um atleta..., 1933, p. 3, grifo nosso).

A publicação destaca a importância da conquista esportiva perante um cenário internacional. Isso indica que o jornal buscava difundir os ideais nacionalistas que incluíam, entre outras coisas, a criação de uma identidade nacional e cultural, processo no qual os esportes foram fundamentais em decorrência das disputas simbólicas que ocorriam entre diferentes grupos (Coertjensi; Guazzelli; Wasserman, 2004). Desta forma, é atribuído ao esporte um simbolismo que legitima a unidade de pertencimento nacionalista de um grupo em função da busca pela vitória sobre demais grupos (Capraro, 2002), assim como demonstra outro trecho da reportagem: “Atletas como este **elevam o nome do esporte nacional perante os estrangeiros e dignificam nossa raça**” (Um atleta..., 1933, p. 3, grifo nosso). Esse fragmento evidencia o apelo nacionalista, expressado pelos redatores no *A Voz da Raça*, em relação ao esporte, que era compreendido como uma ferramenta de desenvolvimento orgânico e social, sendo utilizado para a “conscientização” do dever e da disciplina da

população com a sua nação (Goellner, 2008); neste caso, da população negra em relação à nação brasileira.

Nessa época, os clubes e associações esportivas refletiam a divisão social, pois eram compostos majoritariamente por pessoas brancas e da elite²³ social. Esta detinha o poder econômico e político, enquanto as pessoas negras e de classes sociais mais baixas enfrentavam a marginalização (Gregório; Melo, 2015). Isso se manifestava também no capital simbólico, pois a expectativa quanto às disputas esportivas era de vitória de esportistas destes clubes, como pode ser identificado na reportagem intitulada *A idolatria de um campeão negro de pedestrianismo*, presente na sessão “Gente e fatos de outras épocas”, a qual cita: “Para disputar a prova se preparavam os mais adestrados campeões paulistas de corridas a pé, **sendo apontado como vencedor Arnaldo Andreucci, da Sociedade Esportiva Paulista**” (A idolatria..., 1933, p. 4, grifo nosso).

Além de apontar a vitória do atleta representante da Sociedade Esportiva Paulista, eram atribuídos sobre ele as melhores qualidades para a competição, como pode ser observado no seguinte trecho: “Outros, por certo, estavam em evidencia, porem Arnaldo reunia as melhores qualidades” (A idolatria..., 1933, p. 4). A compreensão que se tem ao analisar esse trecho da reportagem é de que o jornal refere-se implicitamente às condições favoráveis que o atleta dispunha, advindas da estrutura que um clube esportivo de elite oferecia na época, pois conforme Bourdieu (2007, p. 165), a aderência ao desenvolvimento de práticas está relacionada ao grupo das “propriedades” das quais os sujeitos dispõe, isso inclui o suporte material, que se desdobra “nas práticas em que eles manifestam sua distinção - esportes, jogos, distrações culturais”, dessa forma, o gosto, a propensão e aptidão para a apropriação material e/ou simbólica de práticas está na fórmula geradora que se localiza na ascendência do estilo de vida das pessoas.

Com o inesperado da luta final e a aglomeração, estabeleceu-se grande confusão, não sendo possível aos juizes de chegada um julgamento exato. Andreucci foi apontado como vencedor, mas essa decisão dos julgadores foi contestada por numeroso publico que afirmava a vitória do corredor negro (A idolatria..., 1933, p. 4).

²³ Neste estudo, o conceito de elite consiste na classificação de indivíduos que detém a riqueza material, maior influência e poder político (Pareto, 1966) e não, necessariamente, mais aptas e habilidosas (Silva, 1997).

Conforme a reportagem, é deferida a vitória ao atleta representante da Sociedade Esportiva Paulista, mesmo havendo um público considerável contestando sobre o resultado. A reportagem oferece elementos que podem ser interpretados como que ocorreu um ato de injustiça em uma competição esportiva. Considerando o contexto no qual a segregação racial ainda permeava e influenciava as relações sociais (Hernández; Souza; Fonseca, 2017), sobretudo em situações em que o negro alcançasse uma posição de destaque e que tivesse que ter seus êxitos reconhecidos publicamente, compreendemos que, mesmo implicitamente, o jornal utiliza da reportagem para denunciar o episódio de discriminação racial.

Na continuidade, a reportagem ainda descreve que: “Esse incidente, natural antes aquela confusão, veio trazer-lhe uma atmosfera de simpatia popular que perdura até hoje” (A idolatria..., 1933, p. 4). O jornal trata o episódio como um “incidente” e considera a decisão contestada dos juízes, um equívoco gerado a partir de uma aglomeração do público que antecedeu o anúncio do resultado. Com isso, procurando positivar a imagem do atleta negro, envolto nessa situação, atribuiu um valor compensatório citando a demonstração de “simpatia popular” do público para com o atleta negro, o qual perdeu oficialmente a prova.

Nas reportagens do jornal, há também a intenção de influenciar a formação e manutenção do estilo de vida da população negra, instruindo-a sobre diversos assuntos, inclusive sobre a relevância das práticas esportivas, como é possível verificar no seguinte trecho publicado:

Voz da Raça jornal que **aborda na sua totalidade assuntos doutrinários, não é indiferente á essa modalidade** de educação física dos negros, **que é o futebol**. E como é de nossa **cogitação organizarmos brevemente uma Pagina Esportiva**, avisaremos em tempo oportuno os snrs. Secretários de clubes negros que as nossas colunas estarão ás ordens para assuntos e noticias esportivas, o que publicaremos gratuitamente (Página..., 1937, p. 2, grifo nosso).

Ao abordar o futebol e seu interesse por noticiar informações sobre tal prática esportiva, a reportagem apresenta indício de um interesse do jornal em destacar o bom desempenho apresentado pela população negra nessa modalidade (Página..., 1937), que no período estava em processo de regulamentação profissional, e gerou destaque para os atletas negros no campo esportivo. Assim, o *A Voz da Raça* utilizava esta valorização do negro no futebol para fomentar a elevação moral, social e cultural dos negros. E, considerando a dimensão que os esportes atingiam nacionalmente,

também era favorável para o jornal, a existência de uma página exclusiva para a divulgação da participação dos negros nos esportes.

Conforme afirma Bourdieu (2007), a partir do adestramento dos corpos se impõem as mais fundamentais disposições, que, ao mesmo tempo, direcionam o indivíduo a determinadas práticas, de acordo com sua disposição no campo social. Nesse sentido, ao atribuir uma perspectiva doutrinária ao futebol e tendo por objetivo a integração social do negro, entende-se que o jornal demonstra a intencionalidade em utilizar o futebol como mecanismo para difundir ideias sobre educação do físico, que no período eram referenciadas pelo esporte como instrumento para aprimorar a raça, sendo, assim, uma metáfora para um estilo de vida saudável (Stepan, 2004).

Entre o período de 1889 a 1937, no Brasil, a população negra enfrentou um contexto de forte segregação racial e discriminação, com políticas governamentais e sociais que marginalizavam e excluíaam a comunidade negra (Stepan, 2004). As instituições esportivas impuseram regras e políticas que excluíaam atletas negros ou limitavam seu acesso às competições. Devido ao desempenho dos negros no futebol, alguns clubes mudavam suas legislações, porém isto não configurava uma mudança efetiva. Perante isto, o jornal *A Voz da Raça* (*A idolatria...*, 1933, p. 4, grifo nosso) publica o seguinte trecho:

Os principais clubs de futebol aos poucos iam reformando os seus estatutos e entre as clausulas abolidas figurava sempre a que proibia a entrada de homens de côr. Mas, a despeito disso, nenhum ousava trazer um negro para as suas fileiras. **Timidez apenas** [...].

A reportagem destaca que os estatutos dos clubes futebolísticos estavam em revisão e as cláusulas que proibiam a contratação de atletas negros por clubes de atletas brancos, aos poucos, sendo abolidas e os clubes já repensam a contratação de “homens de côr”²⁴.

No entanto, havia forte resistência em relação a contratação de atletas negros. Essa posição racista de muitos clubes é descrita pela reportagem como “timidez”, uma das razões pelas quais é possível compreender esse tipo de abordagem por parte do jornal, frente a postura racista dos clubes, deve-se ao fato de que a Frente Negra

²⁴ “Homens de cor” era um termo utilizado no período para designar os afro-brasileiros. Conforme Domingues (2004, p. 156), “além de ‘homem de cor’, ainda são empregados os termos ‘preto’ ou o próprio ‘negro’. Esse é um indicador de que não havia consenso sobre qual seria a melhor maneira de se referir aos afro-brasileiros ou afrodescendentes”.

Brasileira (órgão criador e mantenedor do *A Voz da Raça*) aderiu ao discurso nacionalista que tinha como premissa a criação de uma unidade nacional e de um senso de patriotismo, e, a partir disso, evitava-se “a evocação do antagonismo ou da diferença, ou o reconhecimento da realidade da discriminação” (Stepan, 2004, p. 377), isso incluía principalmente os canais por onde a representatividade negra era expressa e episódios de racismo eram expostos, como no caso do jornal *A Voz da Raça*, que intitulava-se um veículo que anunciava os pensamentos e as ideologias do movimento de resistência da população negra.

5 O FUTEBOL NO JORNAL A VOZ DA RAÇA: REPRESENTAÇÕES DE ESTILO DE VIDA DA POPULAÇÃO NEGRA

A elite paulista buscava aderir aos símbolos da modernidade, o futebol foi um deles. O esporte ganhava destaque social, sendo difundido sob a perspectiva inglesa, através de imigrantes ingleses. A prática do futebol estava presente no gosto esportivo da população negra, a qual ocupava espaços de várzeas, que constituíam espaços não ocupados pelo processo de urbanização, quando não era possível tal ocupação, alugavam campos para praticarem o esporte, para terem a possibilidade de ocupar um espaço no qual pudessem construir um estilo de vida, afinal, passavam-se quatro décadas da conquista simbólica de sua liberdade e os negros ainda buscavam pela integração social (Andrews, 1998; Domingues, 2015; Magalhães, 2010).

As associações organizavam as partidas de futebol, e na medida em que os campeonatos cresciam, tornava-se necessário a implementação de regras, a partir de estatutos para que ocorressem de forma organizada. Essas organizações possuíam caráter recreativo e cultural e a convivência, oportunizada nestes espaços, contribuía no desenvolvimento de uma identidade coletiva do negro. Importante destacar que a elaboração de valores, de códigos e regras de conduta ocorriam pelos que os frequentavam, sendo destaque ao negro, respeito e valores, que em outro contexto, não existia (Silva, 1997).

A partir da formação de clubes esportivos e participação em campeonatos, a elite promoveu discussões sobre a importância da prática dos esportes e, com a disseminação do discurso eugênico, a ideia era preparar a população para acompanhar as perspectivas modernistas estabelecidas tanto no Brasil quanto no exterior. Dessa forma, os esportes eram vistos como uma ferramenta que contribuiria para atingir um corpo fortalecido e saudável, capaz de resistir às concepções sociais contemporâneas, relacionadas ao movimento eugenista e ao discurso higienista predominante no Brasil no século XX (Andrews, 1998; Góis Júnior, 2002; Silva, 2004).

O eugenismo foi uma concepção difundida por médicos, professores e outros profissionais com a finalidade de promover uma seleção genética da população para aprimorar a raça, enquanto o higienismo enfatizava a importância da higiene e de hábitos saudáveis, embora também estivesse ligado a políticas discriminatórias e de exclusão. Essas concepções influenciaram políticas públicas e sociais, visando uma população considerada saudável e purificada. Assim, através do esporte buscava-se

formar uma população saudável, trabalhadora e sobretudo a serviço da pátria (Schwarcz, 1993; Silva, 2005).

Nos primeiros anos da década de 1930, a busca pela profissionalização na prática do futebol provocou discussões entre classes sociais. A elite queria a permanência do caráter amador do esporte, já que possuíam capital econômico para prover sua prática e as classes menos favorecidas buscavam a regularização profissional da modalidade para que pudesse receber a remuneração financeira e com isso firmar sua participação no futebol (Magalhães, 2010).

A profissionalização do futebol ocorreu tardiamente, em 1933, após longas discussões e resistência por parte da elite paulista. Os clubes esportivos de brancos começavam a revisar seus estatutos para aceitarem a adesão de jogadores negros, mas devido ao preconceito racial ser predominante no período, na prática, a participação de atletas negros pouco ocorria. Com isso, a população negra mantinha a prática futebolística de forma independente, bem como organizaram-se em coletivos dando origem a times, que lhes rendeu destaque em suas atuações na cidade de São Paulo, pela qualidade com a qual desempenhavam esta prática esportiva (Andrews, 1998; Gambeta, 2016).

Com a disseminação da prática do futebol por clubes na sociedade brasileira, a população negra percebeu no campo do futebol uma oportunidade em ascender socialmente e ocupar outros espaços, até então restritos à sua participação, contemplando a perspectiva de lazer no estilo de vida, mas sobretudo como forma de promover a sua mobilidade socioeconômica então, com a incorporação da prática futebolística no seu estilo de vida, o negro passou a utilizá-lo como um capital, de forma que contribuísse com o objetivo de integração e ascensão social (Abrahão; Soares, 2012).

5.1 O FUTEBOL E A INSERÇÃO SOCIAL DO NEGRO

Nas primeiras décadas do século XX, o processo migratório para a cidade de São Paulo fez com que o espaço urbano ganhasse um grande e variado volume de moradores, o que preencheu a cidade com variados grupos sociais, dentre os quais, encontravam-se os mais empobrecidos, que na busca por moradias acessíveis, ocupavam campos de várzea. Dessa forma, os centros eram ocupados por uma

pequena elite, o que ocasionou a formação de uma hierarquia, promovendo uma distinção no contexto urbano e social (Gonçalves Junior, 2008).

Neste contexto, a prática do futebol era disseminada por e para grupos de pessoas brancas pertencentes à elite social sob influência inglesa, em decorrência de Charles Miller²⁵ ter se apropriado de ensinamentos do futebol inglês, retornando ao Brasil, em 1894 e tê-los difundidos entre grupos da elite paulista. No entanto, é somente em 1901, que surge a primeira entidade de futebol paulista, a Liga Paulista de Futebol. Tal entidade refletia os aspectos da época na modalidade, sendo formada apenas por integrantes da alta sociedade. A prática do futebol simbolizava para a elite uma forma de lazer e sociabilidade entre seus pares, invocada pelo processo de modernidade²⁶ que ocorria nos grandes centros europeus (Domingues, 2015; Pinto, 2016).

Os clubes restringiam a participação de jogadores negros, devido a segregação racial ser predominante na sociedade brasileira. Como resposta, a população negra formou clubes e associações visando sua integração social, bem como, a promoção da prática do futebol entre a população. A modalidade era praticada pela população negra, mesmo que de forma subalterna, em terrenos não ocupados pelo processo de urbanização e utilizando instrumentos e bolas adaptadas (Andrews, 1998; Gonçalves Junior, 2008; Mello, 2018).

Em sua publicação o *A Voz da Raça* apresenta a Associação Athletica São Geraldo, uma associação que surgiu no bairro Barra Funda, um dos locais onde se reuniam a população negra recém-chegada à cidade de São Paulo. A associação utilizava um espaço localizado no final da Rua Tupi, para praticar o futebol, por ser um terreno baldio. Fundada exclusivamente por negros, dentre eles Horácio Cunha, um dos editores do jornal, a organização fazia parte de um movimento de associações que tinham por objetivo promover a integração social do negro (Abrahão; Soares, 2012; Domingues, 2015). Talvez, por esta razão, a entidade tenha sua menção no periódico, como é possível verificar:

²⁵ Nascido em São Paulo, em 1874, era filho de pai escocês e mãe brasileira. Tornou-se uma referência do futebol ao retornar ao Brasil, depois de passar um período na Inglaterra, onde aprofundou seus conhecimentos no futebol inglês (Santos, 2013).

²⁶ O conceito de modernidade, aqui utilizado, consiste no processo de transformação social provocado pela burguesia que possui o domínio social, provocando mudanças nos processos políticos e econômicos, estabelecendo novas configurações na disputa por poderes e elaborando formas de expressões da vida (Berman, 1986).

A.A.A.S. Geraldo - **sociedade de homens Negros**- foi fundada em 1.º de Novembro de 1917, em S. Paulo, **com os fins da pratica do futebol e o atletismo. O seu primeiro campo, foi no fim da Rua Tupi**, desaparecido com a passagem da, então, Avendia Pacaembú, majestosamente construida pela Cia. City. **E` campeão municipal do Centenario da Independencia do Brasil** (Associação, 1933a, p. 3, grifo nosso).

A Voz da Raça possuía um espaço intitulado “Gentes e fatos de outras épocas”, uma seção a qual era utilizada para rememorar e destacar conquistas de associações e pessoas que faziam parte da comunidade negra e que fossem próximas ao jornal. Ao apresentar um breve histórico da Associação Athletica São Geraldo, que tinha por finalidade promover a prática do futebol entre negros, é possível compreender que o jornal buscava, ainda que de maneira implícita, evidenciar a remota relação da população negra com o futebol, destacando o êxito que ela vinha conquistando nos campeonatos em décadas passadas.

Neste caso, a reportagem cita a vitória do São Geraldo no campeonato municipal, promovido pela prefeitura de São Paulo, em 1922, a fim de comemorar o centenário da independência do Brasil (Dantas, 2023). Nesta competição, participaram times de futebol de brancos e de negros, resultando em uma final, na qual enfrentaram-se os adversários Flor do Belém Football Club²⁷, um clube de brancos, e o Athletica São Geraldo. Para a comunidade negra paulista, a vitória de um time de negros sobre um time de brancos foi muito significativa, na medida em que este feito era lembrado mesmo após uma década do evento. Por esta perspectiva, compreende-se que o *A Voz da Raça* destaca o movimento de ascensão que a população negra vivenciava, destacando o gosto pela prática do futebol e reinterpretando o esporte a partir da sua disposição na sociedade como um instrumento de mobilidade social, ultrapassando a perspectiva limitante de lazer, anteriormente atribuída ao futebol pela elite paulista (Bourdieu, 1983a; Silva, 2005; Loureiro; Abrahão; Soares, 2012; Domingues, 2015; Pimenta, 2015).

²⁷ O Flor do Belém Football Club era uma associação esportiva estabelecida na metrópole de São Paulo (SP). Inaugurado em 02 de maio de 1917 (Mello, 2018).

Figura 3 – Jogadores da Associação Athletica São Geraldo, em 1922, São Paulo



Fonte: Mello (2018).

Na reportagem intitulada “Homenageando”, ao rememorar a conquista do Athletica São Geraldo, o *A Voz da Raça* apresenta, através de um poema, uma análise sobre o status do futebol, na perspectiva do negro:

Antigamente, o nosso futebol, tinha mais graça e mais animação; até mesmo mais graça, no céu, o astro-sol, ria de ver a sua evolução. Na zona Pacaembú, jogos de escól, era com o S.Geraldo, e o maganão, por lá cantava, altivo, em mi-bemól suas proezas feras de mandão...Zelão, Tita, Africano, Filipão, Olavo, Caçaróla, Pé, Buiú, Alfredo, Goiaba e Bizerrão, Caetano, Vaca Braba, Bode e Hilario...Uns foram campeões da Pacaembú, **E outros - campeões do Centenario** (Homenageando..., 1933, p. 3, grifo nosso).

O texto expressa uma nostalgia sobre o futebol de outrora, citando metaforicamente, a ascensão da população negra na prática do esporte em um período remoto. Entende-se que o jornal traz o Athletica São Geraldo, novamente, como um símbolo de capacidade do negro em superar o contexto complexo de discriminação e exclusão, tecendo elogios aos jogadores e reforçando as potencialidades do negro no campo do futebol, lembrando o posto de campeão do centenário. Sem muitos títulos, em 1933, o clube passou a viver em crises, problemas internos, o que provocou uma desestruturação coletiva, o que, talvez, explique a expressão nostálgica do texto. Neste período, com a profissionalização do futebol e o

bom desempenho de jogadores negros, a segregação racial era atenuada, o que provocou o interesse dos negros em jogarem por times de brancos, isso pode ter contribuído para a crise que alguns clubes, como o Athletica São Geraldo, enfrentavam (Andrews, 1998; Domingues, 2015).

Além de estabelecerem espaços de representação social dos negros, os clubes e associações de negros concentravam seus esforços em prol dos interesses coletivos e em grande parte, dedicavam-se à luta por direitos de cidadania (Silva, 2021). Em vista disso, a fim de promover o lazer entre os negros, os clubes e associações de futebol também promoviam bailes para a comunidade negra, como cita a reportagem:

Realisa-se hoje a noite no salão da Lega Lombardo, sito no largo S.Paulo, 18, um importante festival dansante, impecavelmente **organizado** pela A.A.S. Geraldo, o **tradicional** Club de Futebol desta capital. Aos diretores desse Club **amigo**, que é o **orgulho da raça** nesta capital, **agradecemos desvanecimento o convite que nos foi enviado** (Associação..., 1933b, p. 4).

O destaque atribuído ao clube, classificando-o como “organizado” e “tradicional”, remete a uma estratégia do jornal em construir uma identidade positiva do negro, considerando que valores como organização, difundidos pelo movimento higienista, possuíam uma grande influência na sociedade. Importante compreender a promoção de eventos sociais por um clube de futebol, como foi o festival dançante, para a população negra da época, considerando que a participação social do negro era limitada, ou seja, não podiam frequentar clubes de pessoas brancas. Neste sentido, ao prover a ocupação de espaços sociais para experimentar, através de seu corpo, diferentes práticas, como a dança, o clube de futebol, a partir de uma estrutura advinda do aporte de capital econômico, passa a influenciar a elaboração da *hexis corporal*²⁸, que por sua vez, expressa significações e valores sociais, que caracterizam um estilo de vida, que estava em construção (Bourdieu, 1979, 1983b, 2010; Góis Júnior, 2002).

A Frente Negra Brasileira, fundadora do *A Voz da Raça*, que tinha por finalidade buscar a total integração do negro, utilizava-se de múltiplos meios, inclusive de símbolos presentes na sociedade, como era o caso do futebol, um esporte popular

²⁸ Héxis corporal é a forma como estruturas e práticas sociais estão inscritas no corpo, influenciando os gostos, disposições, posturas e comportamentos corporal dos indivíduos (Bourdieu, 1983).

presente no modo de vida tanto da elite paulista quanto das classes populares, modalidade na qual o negro apresentava um ótimo desempenho perceptível pela sociedade, o que agraciava a população como símbolo da identidade racial. Neste sentido, ao destacar o sentimento de orgulho e a sensação de pertencimento racial, citando o clube de futebol como “orgulho da raça”, é possível interpretar que o *A Voz da Raça*, alinhado com o associativismo negro na busca por conferir ao negro uma autoestima elevada e construir uma identidade racial, utilizava-se de práticas sociais, como o futebol, para tais finalidades (Neres; Cardoso; Markunas, 1997; Andrews, 1998; Silva, 2003; Silva, 2004; Domingues, 2004, 2014, 2015; Silva, 2021).

Outra reportagem destaca a partida entre o Frentenegrino Futebol Clube²⁹ e o Vae Vae Futebol Clube³⁰, focando em aspectos da relação estabelecida entre a população negra paulista com o futebol. Os admiradores da prática futebolística são citados como “amantes do esporte bretão”, que durante a primeira metade do século XX, era um termo era comumente utilizado para referir-se ao futebol, devido a modalidade, difundida no Brasil, ter a influência do modelo praticado na Inglaterra, localizada na Ilha de Grã- Bretanha (Guterman, 2013). O texto destaca o bom desempenho dos clubes de futebol:

—Teve lugar no domingo proximo passado, o esperado encontro dos conjuntos acima, que constituiu aos **amantes do esporte bretão** de Pinheiros uma bela tarde esportiva, já pelas vitórias alcançadas pelo Frentenegrino F.C. que tem sido o ‘leader’ do futebol naquela zona, já também pelo valor do seu valente contendor, - o galo da Bela Vista. -Estamos também informados, que no próximo dia 1.º de Maio; **o Frentenegrino F.C. promoverá, no seu campo**, á rua Morato Coelho, em Pinheiros, **um importante festival esportivo** no qual tomarão parte diversos clubs de valor; no proximo numero, daremos nota circunstanciada do referido festival. -Não desmerecendo o valor do seu contendor, o Vae-Vae F.C. ‘A Vóz da Raça’ sauda os dirigentes esforçados do Frentenegrino F. C., desejando progresso e enviando parabens, pelas **vitorias que vêm alcançando** apesar de ter nascido ainda ontem por assim dizer (Esporte..., 1933a, p. 4, grifo nosso).

No contexto em que eventos esportivos eram usados como instrumentos de mobilização social, reunindo a população em torno de causas políticas e sociais, mesmo com adjetivos nativos, percebe-se que o jornal, ao evidenciar a admiração advinda da população negra pelos times de futebol, assume uma posição de

²⁹ A Frente Negra Brasileira, além de organizar atividades esportivas, também criou seu próprio time de futebol, o Frentenegrino Futebol Clube (Domingues, 2006).

³⁰ Time de futebol paulistano, que se originou em 1930, a partir de uma escola de samba de mesmo nome (Donizete, 2016).

entusiasta frente às práticas esportivas, elaborando um conteúdo de valorização dos clubes de futebol. O texto destaca a qualidade da prática futebolística dos times, através da exemplificação do progresso do Frentenegrino Futebol Clube e indica a promoção do futebol nos campos esportivos da comunidade negra. Nesse sentido, identifica-se que o jornal ao expressar as qualidades e o desenvolvimento do negro no futebol possibilitava que o negro criasse uma narrativa própria, superando a invisibilidade a qual era submetido, e a partir de sua disposição no campo do futebol, desenvolvesse suas habilidades na modalidade, construísse um capital futebolístico que o possibilitasse acessar outros espaços sociais (Bourdieu, 2010).

A Voz da Raça publicava diferentes temas voltados à população negra, desde eventos sociais, esportivos até questões políticas (Silva, 2003). É possível verificar que o futebol era uma prática presente em comemorações promovidas por clubes de negros, a exemplo, um trecho da reportagem do *A Voz da Raça* que cita a realização de um torneio de futebol promovido pelo Clube Negro de Cultura Social, em comemoração ao dia 13 de maio³¹, na época, comemorada pelas associações e clubes de negros:

Em comemoração á data da Abolição da Escravatura, o Departamento Esportivo do Club Negro de Cultura Social, fará realizar amanhã, 14, uma prova de pedestrianismo, dedicada aos atletas negros, denominada Prova 13 de Maio, e um **torneio de futebol**, no qual tomarão parte os mais **representativos clubes da raça negra** em disputa de lindas taças. E` o seguinte o programa do festival:<Prova 13 de Maio> - A`s 8,30 horas - Saída: Largo do Arouche. Percurso:Ruas Arouche, 7 de Abril, Xavier de Toledo, Consolação, Maceió, Av. Angelica, Ruas Palmeiras, Sebastião Pereira e chegada no Largo do Arouche. Para esta prova haverá lindos troféus individuais e coletivos. ABREVIACÃO O ingresso custará 1\$200c/ imposto. **Senhoras e senhoritas não pagarão entrada** (Grande..., 1933, p. 3, grifo nosso).

O futebol foi alvo de regulamentações e políticas governamentais. Ligas e federações esportivas foram criadas para garantir a organização das competições e o desenvolvimento do esporte. Além disso, eventos esportivos tornaram-se oportunidades para a propaganda política, com o governo associando o sucesso esportivo do Brasil, à liderança de Getúlio Vargas (Guterman, 2013). As associações

³¹ O 13 de maio de 1888 faz referência a data em que foi assinada a Lei Áurea, abolindo a escravidão no país. A assinatura ocorreu após longas pressões sociais que buscavam o fim da escravidão no Brasil (Maringoni, 2011). Na data, times de futebol de negros promoviam jogos com times de branco, em forma de comemoração da liberdade e como forma de celebrar uma “nova era” no Brasil (Pires, 2022).

que faziam parte do movimento negro da época, procuraram acompanhar as transformações que ocorriam no campo do futebol, a exemplo, o Clube Negro de Cultura Social, também conhecido como Clube Social, que foi fundado em 1º de julho de 1932, em São Paulo, em resposta à algumas posturas ultranacionalistas³² da Frente Negra Brasileira, posicionamentos estes que eram contra um projeto democrático, a favor do viés nacionalista. Já o Clube Social atuava sobre uma perspectiva unificadora, na qual todos os partidos eram recebidos, mas não havia adesão por parte da associação a nenhuma perspectiva partidária, o foco era a ascensão e integração social do negro, independente do viés político (Domingues, 2006).

No entanto, entre as associações foi estabelecido um trato moral, o qual consistia em não atacar uma à outra através de suas publicações, uma vez que, o Clube Social também mantinha a Revista da Mocidade Negra, uma revista quinzenal, fundada 1934, e o público atraído pelo Clube Social eram jovens e em sua maioria, possuíam vínculos familiares com integrantes da Frente Negra Brasileira. Por essa razão podemos compreender as aparições de notícias do Clube Negro de Cultura Social em um veículo de comunicação da Frente Negra Brasileira. O Clube Social era uma instituição democrática e dentro de sua estrutura possuía departamentos de esportes, intelectual e de cultura (Domingues, 2010). De acordo com Bourdieu (1983, p. 5), “a autonomia relativa do campo das práticas esportivas se afirma mais claramente quando se reconhece aos grupos esportivos as faculdades de auto-administração e regulamentação”, nesse sentido, ao descrever a realização de um torneio de futebol, organizado e promovido por um departamento específico da área esportiva, o *A Voz da Raça* demonstra a autonomia existente em uma instituição formada por negros, o que era significativo na construção de representações positivas dos negros no campo do futebol.

Outra informação apresentada pela publicação é sobre a venda de ingressos para assistir aos jogos de futebol, exceto para mulheres, que tinham isenção, logo compreende-se que, para os homens, o pagamento do ingresso era exigido. Com isso, é verificado que a população negra utilizava do capital futebolístico para gerar um benefício econômico para um clube que buscava promover o negro na sociedade. A

³² O termo ultranacionalismo faz menção ao nacionalismo em seu sentido mais acentuado, apresentando uma perspectiva relacionada ao autoritarismo (Gasparetto Junior, 2013).

formação de um capital econômico, através do futebol, possibilitaria que o negro acessasse outros campos sociais, além de acompanhar a evolução da profissionalização da modalidade que ocorria na época (Bourdieu, 2007; Paiva, 2013).

Em 1933, a profissionalização do futebol contribuiu para a popularização da modalidade, exercendo forte influência nos hábitos presentes no estilo de vida das populações dos grandes centros, como era São Paulo (Silva, 2005). Entre a população negra, não foi diferente. O *A Voz da Raça* realizava a cobertura midiática sobre algumas partidas, como podemos verificar nesta reportagem, a qual descreve uma disputa entre jogadores da Associação Athletica São Geraldo e o E.C. Flor da Penha³³. Neste contexto, observa-se que a cobertura do jornal destacava a atuação dos negros no cenário futebolístico, como também, a relação entre os clubes:

Na partida de honra tomaram parte os conhecidos <bambas> varzeanos: Extra A.A.S. Geraldo e E.C. Flor da Penha. O S. Geraldo oferece ao Flor da Penha uma bela corbélia de flores. falando nessa ocasião, um orador daquela associação que em breves palavras **exaltou as realizações da mocidade negra**. Infelizmente a partida não teve o desenrolar brilhante e **disciplinar** das demais porque uma dessas **tristes e habituaes 'confuzions'** varzeanas veio dar fim nessa **empolgante peleja**, quando o resultado era 0x0 (Clube..., 1933, p. 3, grifo nosso).

A reportagem demonstra que, inicialmente, os jogadores da Athletica São Geraldo demonstraram uma cordialidade perante seu adversário, indicando que havia uma noção de coletividade e de simpatia entre os times de futebol. A expressão "partida de honra" sugere que o jornal atribui as partidas de futebol a representação de valores, possivelmente, com o objetivo de difundir parâmetros de condutas entre os negros, haja a vista que, os diretores da Frente Negra Brasileira, fundadora e mantenedora do jornal, estabeleciam uma relação cordial com o governo de Getúlio Vargas, que por sua vez, utilizava de símbolos presentes na sociedade, como os esportes, enquanto objeto de moralização entre a população (Silva, 2004; Domingues, 2006; Carvalho; Silva, 2016).

A reportagem refere-se aos times com a expressão "bambas varzeanos", sobre a qual compreendemos como uma maneira do jornal destacar a qualidade do futebol praticado pela população negra, considerando que termo "varzeano" faz referência às várzeas, que eram campos vazios, que rodeavam o espaço ocupado

³³ Embora pesquisado, não foram encontradas mais informações sobre o E.C. Flor da Penha.

pela urbanização e que na cidade de São Paulo, foram ocupados pela população negra, sobre os quais também iniciaram a prática do futebol, considerado pela elite como um futebol inferior, denominado “futebol varzeano”. Neste contexto, sendo o campo esportivo um espaço de disputas pela legitimidade da prática esportiva, percebe-se que o jornal, enquanto instrumento que comunica ideias e valores, representava o interesse pela inclusão social dos negros através do campo do futebol (Bourdieu, 1983a; Negreiros, 1998; Barros, 2021).

Por outra perspectiva, identifica-se que ao qualificar a performance dos times durante as partidas como “disciplinar”, denota-se um diálogo com as aspirações do eugenismo e higienismo, que consistiam na busca por uma população disciplinada, dessa forma, compreende-se que a posição do jornal em relação a integração do negro na sociedade estava pautada em um padrão de representação do negro que garantisse a aceitação pelo branco (Neres; Cardoso; Markunas, 1997; Goellner, 2008).

Contudo, a reportagem cita que confusões eram recorrentes nos jogos de futebol, ao compreendermos o campo esportivo como um espaço que apresenta a forma como os sujeitos se relacionam e que expressam uma disputa simbólica, na qual refletem as disparidades incorporadas das estruturas sociais em que se localizam, verifica-se que a questão das confusões, mencionadas pelo jornal, fazem uma relação com a forma subalterna que a população negra era tratada no período, conforme Elias e Dunning (1992), a posição violenta que um grupo apresenta no futebol tem relação com o sentimento de inferioridade ao qual entram em contato ao adentrar ao campo futebolístico e a partir disso, busca demonstrar a sua valia aos que o cercam. Os jogadores negros exteriorizam elementos incorporados de uma sociedade excludente, na qual eram impedidos de acessarem espaços e qualquer valia social, sendo marginalizados e estigmatizados como raça inferior. De acordo com Elias (1994), esportes como o futebol contribuíram na civilização das sociedades modernas, pois serviam como elemento regulador do comportamento humano, canalizavam impulsos. Diante disso, é possível interpretar que o jornal produziu discursos sobre o futebol alinhados com esta perspectiva de Elias (1994), que este enquanto esporte coletivo desempenhava um papel entre a população negra, sendo um espaço no qual o confronto era controlado, com práticas e regras que serviam

como forma de contenção de posturas violentas (Bourdieu, 1983a, 1998, 2007; Paiva, 2013; Nogueira, 2021).

5.2 A PRÁTICA DO FUTEBOL COMO FERRAMENTA NA MOBILIZAÇÃO SOCIAL DO NEGRO

A Frente Negra Brasileira possibilitou melhorias na vida da população negra, uma vez que, viabilizou a criação de escolas, conjuntos musicais, times esportivos e do jornal negro *A Voz da Raça* em São Paulo (Araújo, 2021). Entidades como a Frente Negra Brasileira se engajaram na reeducação dos negros, incentivando-os a competir com os brancos em todas as esferas sociais, argumentando que se o Estado não fornecia educação, os negros unidos deveriam buscá-la (Machado, 2017). Neste sentido, é possível verificar a utilização de associações e clubes de futebol para a disseminação de normas de condutas, como cita uma reportagem do *A Voz da Raça*:

O '**Vitória Paulista Futebol Clube**' triunfante grêmio de esporte desta cidade, realizou no dia 16, proximo passado a festa do seu do seu 1.º aniversario, produzindo um programa otimo que a todos encantou, em sua sede social, á rua Vergueiro, 80. Ás 6 horas da manhã, houve uma salva de bateria, e hasteamento do pavilhão social. Ás 21 horas, com a presença de uma afinada banda de musica presidida pela Comissão de festa, houve recepção dos Diretores sócios e convivas, sendo recebidos com as formalidades de estilo a Comitiva Presidencial e seus secretariados. Ás 22.30 uma Comissão recebeu com as devidas honras a comissão fretenegrina, chefiada pelo **Presidente Geral da F.N.B., sr.dr. Arlindo Veiga Dos Santos**, e que faziam parte mais os srs. João Francisco de Araujo, 1.º secretario da F.N.B., e Hovanir Paranhos, do Departamento Musical. Falou o dr. Vaiga Dos Santos por duas vezes, uma saudando o V..p.f.c. e seus Diretores e Diretoras pelo aniversário, e outra **dando normas de acção aos socios em geral** (Vitoria..., 1933, p. 3, grifo nosso).

Na ocasião, o Vitória Paulista Futebol Clube, um clube de futebol fundado em São Paulo em 1932, comemorava seu primeiro ano em atividade, o jornal destacou a atuação do clube formado por jogadores negros, referindo-se ao mesmo como "triunfante", trazendo-o ao seus pares como exemplo de potencialidade dos negros expressada a partir do campo esportivo, diante de uma sociedade que o considerava uma raça inferior, haja vista, que nesse período, por influência do movimento eugenista, os problemas do país eram atribuídos ao fator racial, além de questões relacionadas à higiene, educação e saúde que afetavam de maneira direta e de forma excludente a população negra paulista (Neres; Cardoso; Markunas, 1997).

Outro ponto da reportagem que chama atenção é a participação dos representantes da Frente Negra Brasileira, em especial, a do seu presidente, o sr. Arlindo Veiga Dos Santos, paulista, nascido em 1902, era um nacionalista e adepto do governo de Getúlio Vargas, chegando a ser recebido em audiências pelo então presidente da república. Nesse sentido, uma das interpretações possíveis é que as normas de ações estabelecidas aos sócios, em momentos como estes, eram fundamentadas na perspectiva de promoção da moralidade e em prol da busca pela elevação do físico, considerando que o Estado compreendia os esportes como ferramenta para o desenvolvimento da moral e de um físico fortalecido, além de considerá-lo um símbolo de identificação nacional (Oliveira, 1982; Silva, 2004).

Oraram também o sr. representante do Itamarati Futebol Clube eo sr. Gervásio Moraes, orador oficial do Clube aniversariante, em felizes improvisos. A mesa esteve presidida pelo sr. Arlindo da Silva, presidente do 'Vitoria', e secretariada pelo sr. Benedito Soares Saraiva. Terminada a sessão, foi oferecida aos presentes uma profusa mesa de doces, orando por essa ocasião o sr. B. Monteiro que, com sinceras e calidas palavras, saudou o dr. Veiga dos Santos. **Falou também, num belo arroubo nacionalista**, o sr. representante do Itamarati F. C., academico de direito. Seguiu-se depois uma apetitosa churrascada, continuando á madrugada um animado baile. E assim, brilhantemente, o V.P.F.C. festejou o seu 1.º aniversario, garantia de outros muitos, prosperos e felizes, **dirigidos como e por homens corajosos e esforçados** (Vitoria..., 1933, p. 3, grifo nosso).

A participação de outros clubes de futebol na comemoração das atividades de outro clube, voltado para a população negra, demonstra como o *A Voz da Raça* buscava fomentar as relações entre os coletivos negros, tornando a reforçar as relações estabelecidas pelo associativismo negro, no entanto, como citou a reportagem, havia um o teor “nacionalista” do discurso dos participantes e nas ações da própria agremiação de futebol, como por exemplo, a realização do hasteamento do pavilhão, ou seja, da bandeira do clube, aderido como uma das atividades na programação das comemorações de um clube de futebol voltado para a população negra (Domingues, 2004, 2006b).

Em outra reportagem, identifica-se que o *A Voz da Raça* era utilizado como um meio de convocar a participação dos negros em reuniões da Frente Negra Brasileira sob a finalidade de instruí-los e de realizar a entrega de uniformes para os jogadores do Frentenegrino Futebol Clube:

Um dos pontos prediletos que **os fretenegrinos devem ter sempre quase que por obrigação** é, sem dúvida, **assistir as reuniões domingueiras da F.N.B.** E` assim que, como de costume, **realizou-se mais uma dessas reuniões instrutivas** no domingo passado, **estando ela bastante concorrida.** [...] O Dr. Arlindo Veiga dos Santos, presidente da F.N.B., fez entrega em nome do Grande Conselho, de dois ricos **jogos de camisas de futebol á comissão do Fretenegrino F. C., futuroso nucleo negro de esportes** (Reunião..., 1933, p. 1, grifo nosso).

O texto apresenta uma convocatória para os membros da associação participarem de suas reuniões, as quais eram conduzidas pela diretoria fretenegrina e tinham por finalidade disseminar conceitos de civilidade, moralidade, educação e política. Neste sentido, com base no apoio que a Frente Negra Brasileira oferecia ao governo de Getúlio Vargas, entende-se que essas instruções eram difundidas entre os negros associados com vistas à construção de condutas que estivessem ligadas a ordem e a moral (Domingues, 2013; Irineu; Abreu, 2014).

O destaque de atletas negros no futebol foi uma das razões que promoveram a aproximação da população com a modalidade, tornando-se uma prática adotada pela camada popular e é neste ponto que o Estado possuía interesse, pela influência que a modalidade exercia sobre a massa, incorporando valores associados ao nacionalismo, no qual figurava a valorização de uma percepção moral e social coletiva. e ao mesmo tempo, o estímulo à prática do futebolística entre a população negra, ocorre no período em que o governo adotou uma postura nacionalista e patriótica, utilizando o esporte como uma ferramenta para unir a população em torno de símbolos nacionais, com destaque para O futebol tornou-se um veículo de promoção da identidade nacional e do orgulho cívico (Oliveira, 1982; Bourdieu, 1983a; Drumond, 2009; Carvalho; Silva, 2016).

A profissionalização do futebol abriu caminho para o surgimento de ídolos do esporte e jogadores negros passaram a ser reconhecidos não apenas por suas habilidades em campo, mas também por suas contribuições aos clubes. Nomes como Arthur Friedenreich e Mateus Marcondes se destacaram nesse período, conquistando a admiração dos torcedores negros. Em uma reportagem, *A Voz da Raça* destaca a figura de Arthur Friedenreich como exemplo de desempenho no futebol:

Nos esportes notadamente no futebol o negro tem um **papel tão saliente** que chega a **entusiasmar os próprios brancos.** Dentre eles surge a figura do consagrado futebolista **Arthur Friedenreich**, campeão mundial, sul-americano e brasileiro de futebol congnominado pelos argentinos por 'El Tigre' (O negro..., 1933, p. 3, grifo nosso).

O título da reportagem presente no jornal *A Voz da Raça*, “O Negro em face do Progresso”, oferece evidências da perspectiva do jornal sobre o negro na sociedade. Este identifica-se que o jornal estabelece uma relação entre o negro e ideia de progresso pelo qual o país passava e que se pautava na busca pela construção de uma identidade brasileira, em que o Estado almejava a construção de uma população disciplinada, forte e trabalhadora. No entanto, a distinção entre as classes era um forte aspecto predominante na sociedade, e a partir dela a discriminação racial se fortalecia ainda mais, e como consequência a negação sobre a contribuição social do negro tornava-se sistemática (Mostaro; Helal; Amaro, 2015; Staudt, 2019). Compreende-se que o *A Voz da Raça* utilizava dos êxitos dos negros no futebol, um dos símbolos utilizados por Getúlio Vargas na promoção de seu projeto nacionalista, para reivindicar o reconhecimento de sua participação social.

Os representantes da Frente Negra Brasileira possuíam uma relação com o governo de Getúlio Vargas e nesse período, mesmo que tardiamente, o setor industrial apresentava-se como uma possibilidade para a ascensão econômica nacional, necessitando de trabalhadores em seu processo. Dessa forma, o projeto nacionalista visava a unificação da população entorno de símbolos nacionais destacando o reconhecimento que Arthur Friedenreich conquistou, inclusive internacionalmente.

Arthur Friedenreich nasceu em São Paulo, em 1892, seu pai, Oscar, era comerciante que tinha descendência alemã e sua mãe, Matilde, era brasileira, a qual havia passado pelo processo de escravização. Arthur é considerado o primeiro jogador de futebol negro com destaque nacional e internacional. Seu pai era sócio do clube Germânia, um clube de futebol de brancos, no qual Arthur foi aceito por ser descendente de alemães e por possuir notória habilidade na prática do esporte, chegando a ser reconhecido pela imprensa uruguaia como “el tigre” devido seu bom desempenho em campo, na ocasião de um campeonato Sul-americano de 1919, realizado naquele país. Nesta perspectiva, percebe-se que o jornal buscou divulgar os feitos positivos dos negros no futebol, levando em consideração que a grande mídia não dava espaço para a população negra, a publicação destaca a qualificação do negro na prática do futebol, citando que o desempenho dos jogadores negros no esporte entusiasmava os jogadores brancos, uma alusão ao desempenho de Arthur Friedenreich. Há que se destacar que, de acordo com a ocupação de uma boa condição social, os negros deixavam de ser considerados subalternos e eram aceitos

em determinados espaços, era isso que ocorria com este jogador. No entanto, ele buscava atingir um padrão estético que fosse cada vez mais aceito pelos brancos, de forma que alisava seus cabelos para participar das partidas de futebol (Guimarães, 2001; Guimarães; Guimarães, 2011; Prado Junior, 2011; Guterman, 2013).

Figura 4 – O jogador Arthur Friedenreich



Fonte: Arthur... (2009).

No entanto, compreendemos que as condições da população negra não condiziam com o contexto no qual Arthur estava inserido. Tendo em vista a predominância do preconceito e discriminação racial na sociedade, reforçados pelas perspectivas eugênicas e higiênicas, as quais disseminavam a ideia de que não seria viável construir uma nação com uma população miscigenada e pertencente a uma raça considerada inferior, como apresentava-se a população brasileira, conseqüentemente os desdobramentos do racismo levavam a limitação das práticas futebolísticas da população negra em outros clubes, pois ao representarem o indesejável através do corpo negro, o negro era forçado a carregar, a partir de sua própria aparência, o que era considerado pelos eugenistas e higienistas: o traço da inferioridade social (Mansanera; Silva, 2000; Nogueira, 2021).

Isso demonstra que o campo do futebol era utilizado pelo jornal como uma forma de legitimar, não somente a prática do negro neste esporte, como também a contribuição social advinda das qualidades futebolísticas apresentadas pelos jogadores. para tanto, o jornal tomava como exemplo, para difundir entre a população

negra, a imagem de um jogador negro que era socialmente aceito pelos brancos, mas que ao mesmo tempo, negava sua identidade racial.

Conforme é de conhecimento público, a FRENTE NEGRA BRASILEIRA, no carnaval deste ano, ofereceu uma rica e artística taça aos Cordões Carnavalescos da Gente Negra Paulista, taça essa denominada ARTUR FRIEDENREICHE, **por ser este um dos elementos da raça**, e sobretudo o **orgulho do futebol patrio** (Clube..., 1933b, p. 3, grifo nosso).

Percebe-se que a Frente Negra Brasileira aderiu às ideias do Estado, considerando que, além do futebol, o carnaval também foi utilizado como espaço para a elaboração de uma identidade brasileira e no contexto da reportagem, o reforço positivo da figura de Arthur Friedenreich é identificado, chegando a ser homenageado no carnaval a partir de uma taça com seu nome. Nesta perspectiva, compreende-se que, através da figura deste atleta, o *A Voz da Raça* visava construir parâmetros de uma identidade positiva ligada à prática do futebol, utilizando da comemoração do carnaval paulista que era marcado pelas impressões culturais presentes na tradição de festividades da população negra que havia migrado do interior para a cidade de São Paulo (Von Simson, 2008; Santos, 2010).

Neste sentido, a elaboração de uma identidade estava intrinsecamente relacionada com o futebol, utilizando-se da fusão da modalidade com o carnaval, através da expressão de um ídolo negro futebolístico. A construção de uma identidade foi pautada em objetivos comuns desse coletivo e conforme Bourdieu (2010), para que a existência de uma identidade seja possível é necessário que lhes sejam oferecidos princípios de visão, uma vez que, a formação da identidade é influenciada pelo consumo simbólico. Desta forma, a construção de uma identidade negra era baseada sob o papel de um negro habilidoso, orgulho para a raça negra e para a pátria (Ortiz, 1994).

O futebol, apesar de já apresentar-se como uma prática adotada por diferentes classes sociais, ainda estava sob o domínio de grupos elitistas, como por exemplo, a Associação Paulista de Esportes Atléticos³⁴ que controlou o futebol na cidade de São Paulo até 1935. A organização tinha por base integrantes do time de

³⁴ Após dissidência da Liga Paulista de Futebol, surge a Associação Paulista de Esportes Atléticos, que durou de 1913 a 1936. Tornou-se responsável pela promoção do maior campeonato de futebol de São Paulo, o Campeonato Paulista (APEA, 2024).

futebol chamado “Paulistano”, um time representante da elite paulista, o qual insatisfeito com o fato da Liga Paulista de Futebol permitir a participação de times de futebol emergentes de outras classes nos campeonatos que promovia, criou sua própria associação (Magalhães, 2016).

Com a profissionalização do futebol, em 1933, muitos times de futebol de brancos começaram a aceitar negros devido ao fato desses jogadores destacarem-se no futebol. Isso estabeleceu um desafio à norma social do período, a qual restringia a participação de negros no futebol, que começava dar indícios de mudanças, segundo o *A Voz da Raça* “Os principais clubs de futebol aos poucos iam reformando os seus estatutos e entre as clausulas abolidas figurava sempre a que proibia a entrada de homens de côr” (A idolatria..., 1933, p. 1).

Embora, houvesse sinais de mudanças na segregação de jogadores negros, os mesmos quando contratados por clubes de brancos, eram limitados a receberem uma remuneração e não poderiam assumir uma condição de sócio como os demais (Andrews, 1998). Contudo, o jornal demonstra como a luta dos negros por se estabelecer no campo do futebol começava a apresentar resultados, tornando-se um contexto de superação através do bom desempenho e uso das potencialidades de uma população que, embora se deparasse com as limitações impostas pela sociedade, demonstrava o avanço na busca pela ocupação de espaços até então tidos como privilégio de brancos. Assim, através da prática do futebol, enquanto ocupação remunerada de jogadores negros possibilitava a expansão do capital econômico dessa população.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo o jornal *A Voz da Raça* foi tomado como fonte histórica por apresentar o contexto social do negro e reivindicar a sua integração na sociedade, pois haviam passados quarenta e dois anos da abolição da escravidão, no entanto, nunca houve um processo de inserção social aos negros. Em 1930, na cidade de São Paulo, a população negra buscava construir um estilo de vida, na qual pudesse ter condições de sobreviver e ascender socialmente. Através de associações e organizações, passou a promover eventos como forma de socialização, dentre estes eventos estão os eventos esportivos (Andrews, 1998).

Neste período, o país passava por mudanças políticas, sociais e econômicas que influenciaram diretamente o cenário esportivo, como por exemplo a influência do eugenismo e do higienismo na sociedade, a profissionalização do futebol, em 1933, e as políticas trabalhistas de Getúlio Vargas. Este estudo estabeleceu uma análise para compreender como representações de saúde e estilos de vida foram geradas pelo corpo negro através dos esportes. Tais representações surgem das publicações do jornal *A Voz da Raça*, especificamente em 1933, ano em que se iniciou a circulação do periódico, e 1937, ano de seu encerramento. Este recorte temporal ocorreu em razão de que nesses anos concentraram-se as aparições dos termos pesquisados no jornal, sendo eles “esporte” e “futebol”.

Através da análise identificamos que as representações de saúde da população negra geradas através do esporte e publicadas em reportagens do *A Voz da Raça*, apresentam a construção de representações de saúde higienista, tratando os esportes como elemento essencial para a manutenção da saúde da população negra. O esporte nas reportagens analisadas, tinha por finalidade instigar a constituição de uma raça com vigor, energia, força e disciplina, e que se fundamentava no eugenismo, isto significa, na busca por uma raça superior. Deste modo, o jornal deixa explícita a sua adesão e promoção do discurso de saúde higienista entre a população negra, na cidade de São Paulo, nos anos de 1933 e 1937.

No jornal *A Voz da Raça*, entre os esportes, o futebol desempenhou um papel fundamental na criação de representações de estilo de vida dentro da comunidade negra. Por meio de suas reportagens, o jornal retratava o futebol, não apenas como um esporte, mas como uma forma de expressão cultural e social dos negros. O

periódico destacava os feitos e as conquistas dos jogadores negros, promovendo a construção de uma identidade positiva e empoderada da comunidade negra no campo do futebol. Essas representações contribuíram para o enfrentamento de estereótipos e exclusão social que atingiam os negros e prevaleciam na sociedade brasileira no período.

Verificamos que a relevância do futebol na construção de representações do estilo de vida da população negra consistia na importância que a modalidade apresentava enquanto meio de integração social, compreendendo a ideia de que o futebol para os negros não era apenas um entretenimento, assim como era para a elite paulista, mas um elemento importante no fortalecimento de laços comunitários e da identidade racial, sendo uma das principais formas de expressão e resistência da comunidade negra na época, que contribuía e também desempenhava um papel no fortalecimento da identificação cultural brasileira.

O *A Voz da Raça* denunciava a exclusão dos negros de espaços esportivos, inclusive com a proibição de contratação de negros documentada em estatutos de clubes esportivos de brancos, que embora, estivessem em uma perspectiva de revisão impulsionadas pelo destaque dos negros no campo esportivo, ainda apresentavam resistência em inserir jogadores negros em seus times, o que fomentava a prática de discriminação racial. Nota-se, através das reportagens, a ação de denúncia com abordagem implícita sobre episódios de racismo por parte do jornal. Isso deve-se ao fato de que, alguns negros, que estavam envolvidos na produção do jornal, aderiram ao movimento nacionalista, dessa forma, discussões raciais deveriam ser atenuadas, em prol da busca por uma identidade nacional única; ou seja, o contexto político buscava por uma idealização de nação unificada que estivesse baseada na valorização da moral, do físico e da pátria, utilizando, para isso, a instrumentalização do esporte (Silva, 2003; Stuart, 2019; Araújo, 2021). Talvez, a adesão ao discurso nacionalista fosse uma estratégia de alguns membros editores do *A Voz da Raça* para inserir-se em espaços de poder, como no caso, o cenário político e para isso, utilizavam do jornal para evidenciar tal posicionamento.

Da mesma forma, que as reportagens apresentam um esforço contínuo das associações de negros, e também do próprio jornal em fomentar a participação do negro no futebol, na busca pela constituição de um capital simbólico, que podemos compreender como um capital incorporado, citando-o como capital futebolístico, que

tornou-se relevante socialmente, na medida em que a profissionalização dos jogadores foi implementada, o que foi utilizado pelo jornal como ferramenta de potencialização na mobilidade social do negro (Bourdieu, 2010).

O *A Voz da Raça* evidenciava em suas reportagens a organização de clubes e associações de negros na realização de campeonatos de futebol, sempre destacando valores como disciplina e organização, o que denota um diálogo do jornal com as aspirações do projeto nacionalista. Tais partidas acabavam promovendo o engajamento da comunidade negra nesses eventos, constituindo um capital econômico, uma vez que se cobrava ingressos para assistir tais jogos. Ao enfatizar o reconhecimento sobre o desempenho de jogadores negros, o jornal promovia a autoestima da população negra, isso servia como forma de promover o orgulho e a consciência racial, bem como legitimava a presença do negro no campo do futebol, em um contexto excludente e discriminador.

A análise do jornal também revela que organizações esportivas da população negra eram utilizadas como mecanismos para difundir ideias, valores e instruções pelos dirigentes da Frente Negra Brasileira, que apresentavam uma aderência às concepções do governo de Getúlio Vargas, desta forma, propagando instruções que construíssem a imagem de negro disciplinado, organizado e com sentimento de pertencimento à pátria.

As referências teóricas utilizadas nesta pesquisa permitiram embasá-la e fundamentá-la em conhecimentos pré-existentes. A utilização da análise de conteúdo proporcionou o direcionamento para a coleta e análise de dados, ajudando a definir quais informações eram relevantes e como interpretá-las. Isso auxiliou na organização e estruturação da pesquisa, evitando que se tornasse um estudo superficial ou descontextualizado. A relação apresentada entre diferentes conceitos, como imprensa negra, saúde, estilo de vida entre outros, demonstrou-se eficiente e tornou viável explorar diferentes perspectivas e abordagens sobre o tema em questão. Isso contribui para ampliar o conhecimento existente, permitindo uma análise mais abrangente e aprofundada sobre representações de saúde e estilo de vida através dos esportes.

A diversidade de referências teóricas eleitas para a análise das fontes ocorreu de forma a limitar a visão da pesquisa a uma única perspectiva ou abordagem teórica,

o que poderia resultar em uma análise parcial do fenômeno, deixando de considerar outras nuances e interpretações possíveis.

Embora a realização desta pesquisa visa uma contribuição inédita ao campo da Educação Física, pois utilizou um jornal amplamente disseminado entre a população negra, e um dos mais importantes jornais da imprensa negra no início do século XX em circulação no país, organizado e produzido por uma das maiores associações de negros do Brasil, o jornal *A Voz da Raça*, acredita-se que futuros estudos utilizando outros jornais que faziam parte da imprensa negra no período, também possam contribuir para o avanço na compreensão sobre as representações de saúde e estilo de vida da população negra brasileira geradas através dos esportes e publicadas por jornais escritos por e para negros.

REFERÊNCIAS

- A IDOLATRIA de um campeão negro de pedestrianismo. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 16, 8 jul. 1933. p. 1-4. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/845027/per845027_1933_00016.pdf. Acesso em: 15 mar. 2023.
- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. A imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX. *Revista brasileira de educação física e esporte*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 63-76, 2012.
- ALMEIDA NETO, Omar Pereira de. *Aptidão cardiorrespiratória, adesão ao baixo consumo de sódio e qualidade de vida de pacientes com insuficiência cardíaca*. 2017. Tese (Doutorado em Atenção à Saúde) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2017.
- ALMEIDA, Erika Bicalho *et al.* A nova história cultural como proposta metodológica para pesquisas no campo da história da enfermagem. *Revista Cuidado é Fundamental*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 130-136, 2018.
- ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo: (1888-1988)*. Bauru: EDUSC, 1998.
- APEA: Associação Paulista de Esportes Atléticos. *In: MUSEU DO FUTEBOL*. São Paulo, [2024?]. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/618450/>. Acesso em: 17 jun. 2024.
- ARAÚJO, Valmir Teixeira de. O papel da imprensa negra brasileira. *Revista Alterjor*, São Paulo, v. 2, n. 20, p. 212-228, 2019.
- ARAÚJO, Valmir Teixeira de. *O que é a imprensa negra?: diálogos sobre comunicação e negritude no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2021.
- ARTHUR Friedenreich. *In: WIKIMEDIA*. [S. l.], 2009. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=6318309>. Acesso em: 9 jun. 2024.
- ASSOCIAÇÃO Atlética São Geraldo. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 2, 25 mar. 1933a. p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=845027&pesq=futebol&pagfis=6> Acesso em: 15 jan. 2024.
- ASSOCIAÇÃO Atlética São Geraldo. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 2, 18 mar. 1933b. p. 4. Disponível em: <https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=845027&pesq=futebol&pagfis=1>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- ATLETISMO: história. *In: VASCO*. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://vasco.com.br/conteudo/atletismo-historia>. Acesso em: 9 out. 2023.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, José D'Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. *Diálogos*, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

BARROS, José D'Assunção. *Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos*. Petrópolis: Vozes, 2019.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2012.

BARROS, José D'Assunção. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas: uma síntese metodológica. *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, v. 52, p. 397-419, 2021.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOBBIO, Norberto; MATTENCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 13. ed. Brasília: UNB, 2008.

BORDIEU, Pierre. *Escritos da educação*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalinas*. Rio de Janeiro: BCD, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983a.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983b.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Estado, estado-nação e formas de intermediação política. *Lua Nova*, São Paulo, n. 100, p. 155-185, 2017.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CABRAL, Dilma. Getúlio Dornelles Vargas. *In: MEMÓRIA DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA*. Brasília, 2024. Disponível em: <https://mapa.an.gov.br/index.php/assuntos/79-producao/70-biografias/1034-getulio-dornelles-vargas>. Acesso em: 17 jun. 2024.

CAPRARO, André Mendes. O futebol, nacionalismo e tradição: observações a partir de alguns escritos marxistas. *Efdeportes*, Buenos Aires, ano 8, n. 47, p. 1-2, 2002.

CARDOSO, Lourenço; MÜLLER, Tânia Mara Pedroso. *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Brasil: Appris, 2018.

CARVALHO, Carlos Eduardo Souza de; SILVA, Kelen Katia Prates. A construção da identidade nacional durante a Era Vargas: os políticos, os intelectuais e o futebol. *Outras Fronteiras*, v. 3, n. 1, p. 246-254, 2016.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. *Fronteiras*, Dourados, v. 13, n. 24, p. 15-29, 2011.

CLUBE negro de cultura social. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 10, 20 maio 1933a. p. 3. Disponível em: <https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=845027&Pesq=futebol&pagfis=39>. Acesso em: 15 jan. 2024.

CLUBE negro de cultura social. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 67, jul. 1937. p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/845027/per845027_1937_00067.pdf. Acesso em: 15 mar. 2023.

CLUBE São Paulo - dramático, recreativo e dançante: aos carnavalescos negros. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 3, 1 abr. 1933b. p. 3. Disponível em: <https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=845027&Pesq=futebol&pagfis=11>. Acesso em: 15 jan. 2024.

COERTJENSI, Marcelo; GUAZZELLI, Cesar Barcellos; WASSERMAN, Cláudia. Club de Regatas Guahyba-Porto Alegre: o nacionalismo em revistas esportivas de um clube teuto-brasileiro (1930 e 1938). *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 249-262, 2004.

COERTJENSI, Marcelo; GUAZZELLI, Cesar Barcellos; WASSERMAN, Cláudia. Club de Regatas Guahyba-Porto Alegre: o nacionalismo em revistas esportivas de um clube teuto-brasileiro (1930 e 1938). *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 249-262, 2004.

COMENTANDO. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 64, abr. 1937. p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/845027/per845027_1937_00064.pdf. Acesso em: 15 mar. 2023.

CÔRTEZ, Giovana Xavier da Conceição. "Leitoras": gênero, raça, imagem e discurso em O Menelik (São Paulo, 1915-1916). *Afro-Ásia*, Salvador, n. 46, p. 163-191, 2012.

DANTAS, Patrícia Lopes. Tênis de mesa. In: UOL. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/educacao-fisica/tenis-mesa.htm>. Acesso em: 4 jun. 2023.

DOMINGUES, Petrônio. "Paladinos da liberdade": a experiência do Clube Negro de Cultura Social em São Paulo (1932-1938). *Revista de História*, São Paulo, n. 150, p. 57-79, 2004.

DOMINGUES, Petrônio. Como se fosse bumerangue: Frente Negra Brasileira no circuito transatlântico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, [s. l.], v. 28, n. 81, p. 155-170, 2013.

DOMINGUES, Petrônio. O "messias" negro? Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978): "Viva a nova monarquia brasileira; Viva Dom Pedro III!". *Varia história*, Pampulha, v. 22, n. 36, p. 517-536, 2006a.

DOMINGUES, Petrônio. O "campeão do Centenário": raça e nação no futebol paulista. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 19, n. 3, p. 368-376, 2015.

DOMINGUES, Petrônio. Os descendentes de africanos vão à luta em terra brasilis: frente negra brasileira (1931-37) e teatro experimental do negro (1944-68). *Projeto História*, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 131-158, 2006b.

DONIZETE, Márcio. Escola de samba Vai-Vai, de São Paulo, terá time em nova liga de clubes. In: TORCEDORES. [S. l.], 2016. Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2016/03/escola-de-samba-vai-vai-do-carnaval-de-sao-paulo-tera-time-em-nova-liga-de-clubes>. Acesso em: 14 jan. 2024.

DRUMOND, Mautício. *Estado Novo e esporte: uma análise comparada dos usos políticos do esporte nos regimes de Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930-1945)*. 2013. Tese (Doutorado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

DRUMOND, Maurício. Vargas, Perón e o esporte: propaganda política e a imagem da nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, p. 398-421, 2009.

ELIAS, Nibert; DUNNING, Erich. *Memória e sociedade a busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ESPORTE Fretenegrino F.C x Vae Vae F.C. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 7, 29 abr. 1933a. p. 4. Disponível em: <https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=845027&Pesq=futebol&pagfis=28>. Acesso em: 15 jan. 2024.

ESPORTE. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 7, p. 1-4, 29 abr. 1933b. p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/845027/per845027_1933_00007.pdf. Acesso em: 15 mar. 2023.

ESTATUTOS da frente negra brasileira. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 5, 15 abr. 1933. p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/845027/per845027_1933_00005.pdf. Acesso em: 15 mar. 2023.

FARIAS, Magno Nunes; FALEIRO, Wender. Educação dos povos do campo no Brasil: colonialidade/modernidade e urbanocentrismo. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 36, p. 1-21, 2020.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Globo, 2008.

FERRARA, Miriam Nicolau. A imprensa negra paulista (1915-1963): estudo monográfico. *África*, São Paulo, n. 6, p. 167-168, 1983.

FERREIRA, Athos Damasceno *et al.* *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Edições URGs, 2013.

GAMBETA, Wilson. *A bola rolou*. São Paulo: SESI, 2016.

GASPARETTO JUNIOR, Antonio. Ultranacionalismo. *In: INFOESCOLA*. [S. l.], 2013. Disponível em: https://www.infoescola.com/politica/ultranacionalismo/#google_vignette. Acesso em: 16 jan. 2024.

GASPARETTO JUNIOR, Antonio. Ultranacionalismo. *In: INFOESCOLA*. [S. l.], 2013. Disponível em: <https://www.infoescola.com/politica/ultranacionalismo/>. Acesso em: 24 jan. 2024.

GOELLNER, Silvana Vilorde. "As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte": esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. *Record: Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-28, 2008.

GÓIS JÚNIOR, Edivaldo. "Movimento Higienista" na história da vida privada no Brasil: do homogêneo ao heterogêneo. *ConScientiae Saúde*, São Paulo, v. 1, p. 47-52, 2002.

GÓIS JÚNIOR, Edivaldo. O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. *Movimento*, [s. l.], v. 19, n. 4, p. 95-117, 2013.

GONÇALVES JUNIOR, René Duarte. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole*. 2008. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GRANDE Festival Esportivo da Mocidade Negra. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 9, 13 mai. 1933. p. 3. Disponível em: <https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=845027&Pesq=futebol&pagfis=35>. Acesso em: 15 jan. 2024.

GREGÓRIO, Fabrício; MELO, Beatriz Medeiros de. Preconceito racial no esporte nacional. *Esporte e Sociedade*, Niterói, v. 1, n. 25, p. 1-31, 2015.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. A questão racial na política brasileira (os últimos quinze anos). *Tempo Social*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 121-142, 2001.

GUIMARÃES, Arthur Silveira; GUIMARÃES, Matheus Silveira. O negro no futebol dos brancos: o caso marcante de Arthur Friedenreich. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais da UFPB*, João Pessoa, v. 3, n. 16, p. 1-9, 2011.

GUITARRARA, Paloma. Industrialização. In: BRASIL ESCOLA. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/industrializacao-seus-efeitos.htm>. Acesso em 17 jun. 2024.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2013.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: PUC, 2016.

HERNÁNDEZ, Tanya Katerí; SOUZA, Arivaldo Santos de; FONSECA, Luciana Carvalho. *Subordinação racial no Brasil e na América Latina: o papel do Estado, o direito costumeiro e a nova resposta dos direitos civis*. Salvador: EdUFBA, 2017.

HOMENAGEANDO. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 2, 25 mar. 1933. p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=845027&pesq=futebol&pagfis=6>. Acesso em: 15 jan. 2024.

IRINEU, Lucineudo Machado; ABREU, Kélvya Freitas. Nacionalismo e educação: ideologias. *Linguagem em Foco*, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 49-60, 2019.

LOUREIRO, Érica de Castro; PIMENTA, Ricardo Medeiros. Memória e Organizações: Reflexões com Base em Teorias Sociais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, Paraíba. *Anais [...]*. Paraíba: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2015.

LUENGO, Fabiola Colombani. *A vigilância punitiva: a postura dos educadores no processo de patologização e medicalização da infância*. São Paulo: UNESP, 2010.

MACHADO, Juremir. *Raízes do conservadorismo brasileiro: a abolição na imprensa e no imaginário social*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

MACHADO, Leandro. Frente Negra: a história do movimento que apoiava o integralismo e foi pioneiro do ativismo negro no país. *In*: BBC. São Paulo, 13 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53000662>. Acesso em: 15 maio 2024.

MACIEL, Maria Eunice de Souza. A eugenia no Brasil. *Anos 90*, [s. l.], v. 7, n. 11, p. 121-130, 1999.

MACKEDANZ, Christian Ferreira. *Histórias de racismo no futebol do interior do RS*. 2021. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Histórias do futebol*. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010.

MAIA, Helio José Santos; SILVA, Maria Abádia da. Educação e sanitarismo no Brasil: um projeto eugenista realizado. *Revista Latino-americana de História*, São Leopoldo, v. 5, n. 15, p. 110-131, 2016.

MANSANERA, Adriano Rodrigues; SILVA, Lúcia Cecília da. A influência das ideias higienistas no desenvolvimento da psicologia no Brasil. *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 5, n. 1, p. 115-137, 2000.

MARINGONI, Gilberto. História: o destino dos negros após a Abolição. *Revista Desafios do Desenvolvimento*. *Desafios do desenvolvimento*, Brasília, v. 8, n. 70, 2011.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. *Medicalização da raça*. Campinas: EDUNICAMP, 2017.

MEDINA, Cremilda. *Notícia um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana industrial*. 2. ed. São Paulo: Summus, 2018.

MELLO, Sérgio. São Geraldo: o time de são paulo que só aceitava jogadores negros. *In*: VERMINOSOS POR FUTEBOL. [S. l.], 23 ago. 2018. Disponível em: <https://www.verminososporfutebol.com.br/viagem-no-tempo/sao-geraldo-o-time-de-sao-paulo-que-so-aceitava-jogadores-negros/>. Acesso em: 03 jan. 2024.

MILAGRES, Pedro; SILVA, Carolina Fernandes da; KOWALSKI, Marizabel. O higienismo no campo da Educação Física: estudos históricos. *Motrivivência*, v. 30, n. 54, p. 160-176, 2018.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 515-526, 2006.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro; HELAL, Ronaldo George; AMARO, Fausto. Futebol, nação e representações: a importância do estilo “futebol-arte” na construção da identidade nacional. *História Unisinos*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 272-282, 2015.

MOURA, Clóvis. *História do negro brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2014.

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombo e movimentos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos *et al.* *A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1998.

NERES, Júlio Maria; CARDOSO, Maurício; MARKUNAS, Mônica. *Negro e negritude*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

O NEGRO em face do progresso. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 21, 16 set. 1933. p. 3. Disponível em: <https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=845027&Pesq=futebol&pagfis=83>. Acesso em: 15 jan. 2024.

OLIVEIRA, Altemir. A participação do atleta negro no esporte: das pistas de atletismo às pistas de Fórmula 1. *Lecturas, Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, v. 13, n. 126, 2008.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Angela Maria de Castro. *Estado Novo: ideologia poder*. Rio Janeiro: Zahar, 1982.

OLYMPICS. José Xavier de Almeida: biografia. *In: OLYMPICS*. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://olympics.com/pt/atletas/jose-xavier-de-almeida>. Acesso em: 9 out. 2023.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PÁGINA esportiva: prova 13 de maio. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 64, abr. 1937. p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/845027/per845027_1937_00064.pdf. Acesso em: 15 mar. 2023.

PAIM, Elison Antonio; PINHEIRO, Patrícia Magalhães; PAULA, Josiane Beloni de. Educação, relações etnicorraciais e decolonização na práxis de professores/as. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 37, n. 2, p. 437-452, 2019.

PAIN, Jairnilson Silva; ALMEIDA FILHO, Naomar. Saúde coletiva: uma “nova saúde pública” ou campo aberto a novos paradigmas? *Rev. Saúde Pública*, v. 32, n. 4, p. 299-316, 1998.

PAIVA, Carlos Eduardo. O habitus do corpo: futebol e negritude no Brasil. *Revista de Ciências Sociais*, Araraquara, n. 17, p. 89-102, 2013.

PARETO, Vilfredo. As elites e o uso da força na sociedade. *In*: SOUZA, Amaury de (org.). *Sociologia política*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966. p. 70-88.

PEREIRA, Beatriz Mourão. *Análise da situação de saúde em comunidades quilombolas*. 2019. Dissertação (Mestrado em Biodiversidade, Ambiente e Saúde Instituição de Ensino) – Universidade Estadual do Maranhão, Caxias, 2019.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Imprensa negra no Brasil do século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2016.

POSSO, Ricardo Augusto. Catálogo de periódicos. *In*: Imprensa Negra, [S. l.], 2008. Disponível em: www2.assis.unesp.br/cedap/cat_imprensa_negra/verbetes/a_voz_raca.html. Acesso em: 20 abr. 2023.

REUNIÃO Domingueira da F.N.B. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 15, 1 jul. 1933. p. 4. Disponível em: <https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=845027&Pesq=futebol&pagfis=60>. Acesso em: 15 jan. 2024.

RIBEIRO, Joaquim A. T. O nacionalismo do Governo Vargas entre 1930 e 1945 e a questão das colônias alemãs. *Dia-logos*, Rio de Janeiro, p. 25-33, 2006. Edição especial.

ROSA, Marcus Vinicius de Freitas. *Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre durante o pós-abolição (1884-1918)*. Rio de Janeiro: Eliever, 2014.
RUBIO, Katia; FERREIRA JÚNIOR, Nelton de Sousa (org.). *Racismo e esporte no Brasil: um panorama crítico e propositivo*. São Paulo: Tato, 2023.

SACRAMENTO, Igor; BORGES, Wilson Couto. *Representações midiáticas da saúde*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2020.

SANTOS, José Antônio dos. Uma arqueologia dos jornais negros no Brasil. *História*, Rio Grande, v. 2, n. 3, p. 143-160, 2011.

SANTOS, Luís Cláudio Villafañe Gomes. *O dia em que adiaram o Carnaval: política externa e a construção do Brasil*. São Paulo: UNESP, 2010.

SANTOS, Zilda Cristina dos *et al.* *Determinantes sociais que envolvem as pessoas com doença falciforme: um estudo da contribuição do assistente social na atenção a estas pessoas*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2017.

SARTRE, Jean-Paul. *Reflexões sobre o racismo*. 5. ed. São Paulo: Difusora Europeia do Livro: Universidade de São Paulo, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre o autoritarismo brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCLIAR, Moacyr. História do conceito de saúde. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SIGOLI, Mário André; ROSE JÚNIOR, Dante de. A história do uso político do esporte. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, v. 12, n. 2, p. 111-120, 2004.

SILVA, Eliazar João da. *A seleção brasileira de futebol nos jogos da copa do mundo entre 1930 e 1958*: o esporte como um dos símbolos de identidade nacional. 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.

SILVA, Eliazar João da. Esporte e nação nas décadas de 1930 e 1940. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. *Anais [...]*. Londrina: ANPUH, 2005. p. 1-6.

SILVA, Maria Aparecida Pinto. *A Voz da Raça*: uma expressão negra no Brasil que queria ser branco. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

SILVA, Maria Aparecida Pinto. *Visibilidade e respeitabilidade*: memória e luta dos negros nas associações culturais e recreativas de São Paulo (1930-1968). 1997. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Em torno da ideia de associativismo negro em São Paulo (1930-2010). *Sociologia & Antropologia*, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 445-473, 2021.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Em torno da ideia de associativismo negro em São Paulo (1930-2010). *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 445-473, 2021.

SILVEIRA, Oliveira Ferreira da. Palavra de negro. In: SANTOS, Irene. *Negro em preto e branco*: história fotográfica da população negra de Porto Alegre. Porto Alegre: Do Autor, 2015. p. 114-120.

SOARES, Carmen Lúcia. *O pensamento médico higienista e a educação física no Brasil*: 1850-1930. 1990. Dissertação (Mestrado em Filosofia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1990.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2019.

- SOUSA, Rainer Gonçalves. O golpe do Estado Novo. *In: MUNDO EDUCAÇÃO*. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/o-golpe-estado-novo.htm>. Acesso em: 24 out. 2022.
- SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- SOUZA, Victor Gustavo. Brasil, mostra tua cara. *Projeto História*, São Paulo, v. 66, p. 355-362, 2019.
- STAUDT, Jéferson Luis. *Corpo negro e trabalho na Revista Educação Physica (1939-1940)*. 2019. Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2019.
- STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil: 1917-1940. *In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (org.). Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004. p. 330-391.
- TROTSKY, Leon. *Como esmagar o fascismo*. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.
- UM ATLETA que honra nossa raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 6, 22 abr. 1933. p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/845027/per845027_1933_00006.pdf. Acesso em: 15 mar. 2023.
- UM CORPO NO MUNDO. Luedji Luna. São Paulo: YBmusic, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA>. Acesso em: 22 jun. 2024.
- VAI-VAI: nossa história. *In: VAI-VAI*. Tucurivi, 2023. Disponível em: <https://vaivai.com.br/nossa-historia>. Acesso em: 27 set. 2023.
- VAN DIJK, Teun A. *Racismo y análisis crítico de los medios*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2017.
- VIEIRA-DA-SILVA, Ligia Maria; ALMEIDA FILHO, Naomar de. Equidade em saúde: uma análise crítica de conceitos. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 217-226, 2009.
- VITORIA Paulista Futebol Club. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 13, 17 jun. 1933. p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=845027&Pesq=futebol&pagfis=49>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Carnaval em preto e branco: comemoração e resistência étnico-cultural na São Paulo do século passado. *Interfaces*, v. 11, p. 130-145, 2008.